

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

BRUNA DINIZ KNOEPFELMACHER

OS SONHOS E A MORTE:
Um estudo à luz da psicologia analítica

SÃO PAULO

2018

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

BRUNA DINIZ KNOEPFELMACHER

OS SONHOS E A MORTE:

Um estudo à luz da psicologia analítica

Trabalho de conclusão de curso como exigência parcial para graduação no curso de Psicologia, sob orientação da Profª. Drª. Flavia Arantes Hime.

SÃO PAULO

2018

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Amélia e Ricardo, que são exemplos de determinação e garra. Agradeço pelo cuidado e por nunca medirem esforços para me dar o melhor.

Aos meus irmãos, Felipe e Paula, com quem sempre pude e poderei contar.

Ao meu companheiro Pedro, cujo valor da contribuição está nas entrelinhas do trabalho. Agradeço pelo encorajamento e apoio formidável.

Aos meus amigos da PUC que fizeram desses cinco anos mais leves e bonitos.

Aos meus amigos de tantos anos, pelo apoio e companheirismo, sempre aliviando as angústias do trabalho.

À professora Luísa de Oliveira, que me apresentou a psicologia analítica da maneira mais envolvente possível, dando sentido para o meu caminho na PUC-SP. Agradeço também por aceitar dar o parecer deste trabalho.

À minha terapeuta, Cláudia Gadotti, que me fez brilhar os olhos ao me apresentar os encantos do mundo onírico em análise.

Por fim, à minha querida amiga e orientadora, Flávia Hime, que da forma mais sensível possível, esteve sempre presente e disponível para auxiliar todas as angústias que o trabalho suscitou. Os encontros foram riquíssimos e os aprendizados serão guardados.

RESUMO

Título: Os sonhos e a morte: um estudo à luz da psicologia analítica

Áreas de conhecimento: 7.00.00.00-0 – Ciências Humanas
7.07.00.00-1 – Psicologia

Autora: Bruna Diniz Knoepfelmacher

Orientadora: Prof^{fa}. Dr^a. Flavia Arantes Hime

O presente trabalho teve como objetivo compreender as funções dos sonhos na vivência de idosos frente à morte. Para tanto, alguns relatos de sonhos foram analisados a fim de investigar se aspectos simbólicos relacionados ao fim do ciclo vital e à transição de vida para a morte se apresentam. Com isso, pretendeu-se compreender os possíveis significados dos sonhos em questão. Esse estudo foi baseado na psicologia analítica, teoria criada por C. G Jung. Sendo assim, optou-se por uma pesquisa teórica no enfoque qualitativo para a realização de uma análise simbólica frente ao tema, na qual a amplificação simbólica dos símbolos presentes nos sonhos foi realizada. Com base na revisão bibliográfica que contemplou a psicologia analítica, os sonhos, o envelhecimento e a morte, bem como a análise dos sonhos, ficou evidente que existe uma relação entre os sonhos de idosos e a morte. A partir do contato com os símbolos ligados à morte e uma compreensão acerca destes, um processo de envelhecimento mais saudável e íntegro pode ser esperado, bem como uma possível preparação para a morte. A pesquisa trouxe ainda uma nova perspectiva para o estudo com os idosos, destacando a importância no cuidado com eles até o fim da vida.

Palavras-chave: Sonhos. Morte. Envelhecimento. Velhice. Jung.

SUMÁRIO

1	Introdução.....	5
2	Objetivos.....	7
2.1	Objetivo geral	7
2.2	Objetivos específicos	7
3	Relevância do Tema.....	8
4	Método	9
5	Psicologia Analítica	11
6	Sonhos	16
7	Envelhecimento e Morte.....	27
7.1	Caracterização geral da velhice e seu lugar na sociedade.....	27
7.2	A temporalidade na vida humana	30
7.3	Envelhecimento e morte na perspectiva da psicologia analítica.....	32
8	Análise dos Sonhos.....	37
8.1	Apresentação dos idosos e seus respectivos sonhos	38
9	Discussão	49
10	Considerações Finais	52
	Referências	54

1 INTRODUÇÃO

As imagens simbólicas que os sonhos apresentam têm interessado e intrigado a humanidade desde tempos imemoriais. Particularmente, o mundo onírico me instiga desde criança também. Sempre me atentei às imagens que me ocorriam enquanto dormia. Entretanto, passei a compreendê-las somente a partir da minha análise pessoal com uma psicóloga junguiana. Com as mudanças positivas que percebi na minha vida a partir da leitura dos meus sonhos, o tema em questão se tornou de extremo interesse particular.

É evidente que os sonhos são tratados pela maioria das perspectivas teóricas dentro da Psicologia. Entretanto, estas enxergam o fenômeno onírico de formas variadas. Enquanto a psicanálise compreende os sonhos como manifestações de desejos inconscientes e reprimidos, a análise behaviorista os considera como formações a partir da aprendizagem do sujeito com o meio, servindo então para a análise das contingências nas quais ele está inserido (Milhorim; Casarini; Scorsolini-Comin, 2013). Os autores em questão apontam que a fenomenologia existencial compreende os sonhos como importantes meios de análise sobre o estado da vida em vigília. O conteúdo do sonho é visto assim como uma formação de elementos que devem ser resolvidos no estado desperto, uma vez que não podem ser resolvidos no mundo onírico.

Apesar da variedade de lugares que os sonhos ocupam nas diferentes abordagens, a importância deles para Psicologia é indiscutível. Tendo isso em vista, bem como o meu interesse pessoal pelo assunto, desde o início da elaboração do meu projeto sabia que um estudo mais aprofundado sobre o fenômeno onírico seria realizado. Ressalto então que uma das abordagens da Psicologia que mais se aprofunda no estudo dos sonhos é a psicologia analítica, criada por C. G Jung. O autor revolucionou a forma como os sonhos eram compreendidos no século XX a partir de suas descobertas acerca da psique humana. Tendo em vista a minha afinidade e meus estudos em psicologia analítica, elegi esta abordagem para fundamentar o trabalho em questão.

O conceito de sonho é abordado em diversas passagens da obra junguiana. Inicialmente, é importante destacar que Jung acreditava que o homem só se realiza

através do conhecimento e da aceitação de seu inconsciente, fazendo da interpretação dos sonhos um campo de grande relevância para a transformação do sujeito, e fundamental para a prática clínica na psicologia analítica também. Isso se dá porque os sonhos fornecem o material empírico mais direto para a exploração do inconsciente.

Tendo em vista a minha certeza de que trabalharia com sonhos, passei a refletir então que sonhos eram esses que eu gostaria de estudar. Pensei inicialmente em pesquisar as dimensões inconscientes acerca das vivências violentas de mulheres que vivem em situação de violência doméstica. Entretanto, por complicações práticas, bem como disposição emocional para lidar com tal assunto, passei a buscar outro nicho. Cogitei também a análise de sonhos infantis, mas, após uma breve pesquisa, identifiquei que a dificuldade de extrair tais relatos seria notável. Considerei então meus interesses pessoais e algumas vivências recentes e, por fim, decidi fazer uma análise de sonhos de idosos visando identificar se estes apresentariam alguma relação com a morte.

A vivência de pessoas na terceira idade se configura de uma determinada maneira ao se aproximar do fechamento do ciclo vital. A consideração da finitude da vida se torna cada vez mais inevitável e, para muitos, há uma dificuldade significativa para encontrar um sentido nisso. Afinal, como figurar o não figurável? Com o aumento da longevidade por conta dos avanços tecnológicos e médicos, a terceira idade é cada vez mais estendida, sendo esta muitas vezes atravessada por questões relacionadas à morte. Ademais, o aumento da longevidade traz consigo uma atenção maior da Psicologia a pessoas idosas, observada a partir de publicações feitas nos últimos anos.

A fim de relacionar os sonhos com a velhice e a morte, proponho, então, a realização de uma leitura simbólica de alguns relatos de sonhos fundamentada na teoria junguiana. Acredito que os resultados produzidos pelo trabalho podem contribuir para a promoção da saúde de idosos ao compreender melhor as facetas inconscientes encontradas na última etapa da vida, colaborando tanto para atividade profissional do psicólogo como para um aprofundamento teórico.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

O objetivo deste estudo é compreender as funções dos sonhos na vivência de idosos frente à morte. Com isso, pretende-se investigar se os sonhos em questão podem trazer aspectos relacionados ao fim do ciclo vital; da transição de vida para a morte.

2.2 Objetivos específicos

1. Fazer uma revisão bibliográfica que contemple a psicologia analítica, os sonhos, o envelhecimento e a morte;
2. Realizar a amplificação simbólica dos símbolos presentes nos sonhos relatados por idosos;
3. Compreender os possíveis significados dos sonhos de idosos frente à morte.

3 RELEVÂNCIA DO TEMA

A pesquisa em questão conta com três temas centrais como base: os sonhos, a velhice e a morte. A procura por artigos acerca de sonhos foi extensa e o resultado muito frustrante, indicando uma escassez no desenvolvimento de estudos empíricos que investigam os fenômenos oníricos, englobando o tema em questão.

Além disso, a falta de interesse pelos idosos também é gritante. Segundo Ferrigno et al (2006) há uma tendência nacional e global no aumento da população da terceira idade. Assim, tendo em vista que a população idosa cresce exponencialmente, o olhar para esse grupo etário se torna imperativo. Ferrigno et al (2006) também apontam a necessidade de fortalecer a luta para a integração do idoso e sua plena constituição como sujeito. Os autores apresentam os idosos como parcela vulnerável da população pela dificuldade de inserção social e consideram que “estudar aspectos relacionados à velhice é estudar o futuro de todos nós e abrir perspectivas para novo modo de se ver o tema” (p. 96).

Magalhães et al (2012) ainda apontam como a cultura ocidental parece ter perdido o contato com o sentido mais profundo da velhice e abandonado os significados vívidos e transformadores da morte.

O encerramento do ciclo vital deixa de ser concebido como finalidade e telos da vida humana, ou seja, o último ato de um processo de desenvolvimento e realização da existência, para ser compreendido apenas em seu aspecto exterior – o qual, evidentemente, será muito mais enfatizado em se tratando de uma cultura materialista (Magalhães et al, 2012, p. 144).

Assim, os autores apontam como parece não haver mais espaço para a morte ser associada a algo transcendente ou de significado maior. Assim, faz-se necessário o resgate dos significados simbólicos da morte.

4 MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa teórica no enfoque qualitativo, adotando o método de investigação psicológica discutido por Eloísa Penna (2005). A autora afirma que a pesquisa em psicologia analítica se dá pela apreensão do símbolo, uma vez que esse é o fenômeno passível de investigação. Os sonhos são produções simbólicas do homem e, portanto, é importante destacar que estes serão investigados como símbolos.

O método de investigação da psicologia analítica se caracteriza pelo processamento simbólico do material pesquisado, no qual a amplificação simbólica é utilizada como meio para que os aspectos desconhecidos do símbolo se tornem conhecidos, ou seja, para que os aspectos inconscientes migrem para a consciência, visando a sua ampliação. Segundo Penna (2013), a amplificação simbólica é um tipo específico de procedimento metodológico, que é aplicado ao material psíquico com a finalidade de favorecer a tradução dos símbolos. Vale ressaltar que, em especial, a amplificação simbólica foi utilizada por Jung na interpretação dos sonhos.

O processo de amplificação simbólica, proposto por Jung, consiste em ampliar e enriquecer os elementos do símbolo, através de associações e analogias que fluem numa cadeia contínua de similaridades, visando traduzir e interpretar o material simbólico desconhecido. O ato de ampliar e enriquecer o símbolo por meio de analogias diversas favorece a compreensão de seu significado arquetípico (Penna, 2013, p. 214).

Assim, a autora aponta como a amplificação busca os significados arquetípicos do símbolo. Além disso, ela esclarece que a compreensão dos fenômenos psíquicos é facilitada através do processo de amplificação, como um recurso facilitador da compreensão da mensagem simbólica e orientador da interpretação do símbolo.

Vale ressaltar aqui o cuidado que se deve ter com a noção de “interpretação”, uma vez que a ideia de amplificar o símbolo é justamente abrir as possibilidades para o infinito e, em contrapartida, a precipitação à interpretação quebra esse processo, limitando as associações a algo fechado e concluído. As imagens trabalhadas nos sonhos devem ser consideradas possibilidades, compreensões possíveis de sentido e não constatações rígidas e definitivas (Magalhães; Serbena, 2011).

Inicialmente cogitei a ideia de entrevistar alguns idosos para recolher alguns relatos de sonhos. Entretanto, por complicações práticas, o instrumento de entrevistas foi abortado. Até que, como ironia do destino, uma obra me apareceu para dar continuidade na elaboração da pesquisa.

Assim, ressalto que o material que será analisado se encontra no livro “Velhice nos Arredores da Morte”, de Ligia Py (2004), no qual diferentes relatos de sonhos são apresentados, todos resultados de entrevistas realizadas com pacientes idosos vítimas da doença degenerativa esclerose lateral amiotrófica e seus familiares. A amostra de sonhos a serem investigados contará com 7 relatos.

Apresento então este estudo dividido em quatro partes: (a) exposição teórica breve acerca da psicologia analítica; (b) estudo aprofundado sobre os sonhos na perspectiva da psicologia analítica; (c) revisão bibliográfica acerca da terceira idade e a aproximação do contato com a morte e; (d) relatos de sonhos e uma leitura simbólica destes.

Os dois primeiros capítulos consistirão em uma revisão bibliográfica tanto das obras de Jung como de alguns pós junguianos, como Murray Stein e Jolande Jacobi. O terceiro capítulo contará com uma caracterização da velhice e da morte, tanto numa perspectiva geral como com ênfase na psicologia analítica, partindo das ideias de autores contemporâneos e do próprio Jung. Um breve resumo também será apresentado acerca dos sonhadores retratados no livro em questão, a fim de compreender minimamente quem são as pessoas por trás dos relatos. Vale ressaltar que a leitura simbólica dos sonhos será realizada a partir do método de amplificação simbólica descrito anteriormente, contando com a colaboração de autores como Jean Chavelier e Marie Louise von Franz.

5 PSICOLOGIA ANALÍTICA

Carl Gustav Jung (1875-1961) desenvolveu as bases da psicologia analítica a partir de sua experiência pessoal, psiquiátrica e clínica. Desde o início de sua carreira como psiquiatra, o suíço fez descobertas significativas para a Psicologia.

Jung trabalhou no hospital psiquiátrico da Universidade de Zurich, o Burgholzli. No início do século XX, Sigmund Freud, o pai da psicanálise, trazia ideias inovadoras para a Psicologia. Por alguns anos, Jung estabeleceu uma relação profissional e pessoal intensa com Freud, que contribuiu no desenvolvimento de suas ideias. Seguindo então a técnica da psicanálise, a “terapia da fala”, que estava sendo desenvolvida por Freud em Viena, Jung desenvolveu um tratamento diferente da medicalização no hospital psiquiátrico. Assim, ele passou a conversar com seus pacientes com o intuito de procurar uma cura ou transformação a partir desse contato.

Com a leitura das obras freudianas, Jung se deparou com o conceito de inconsciente. Este seria uma instância psíquica para onde são enviadas as experiências não aceitas pela consciência, que são, portanto, reprimidas. Os conflitos pessoais, morais, as situações dolorosas e informações não necessárias no cotidiano podem ser classificadas como essas experiências. Apesar de concordar com essa concepção, ao longo do desenvolvimento de sua obra, Jung expandiu a ideia de Freud acerca do inconsciente como depósito do material recalado, definindo assim o seu conceito de inconsciente pessoal.

Além do material reprimido, o inconsciente contém todos aqueles componentes psíquicos subliminais, inclusive as percepções subliminais dos sentidos. (...) o inconsciente também inclui componentes que ainda não alcançaram o limiar da consciência. Constituem eles as sementes de futuros conteúdos conscientes (Jung, vol. 7/2, §. 204).

Vale destacar que a concepção freudiana acerca do inconsciente não só se apresentava de maneira incompleta para Jung, como também contemplava somente o que Jung denominou como inconsciente pessoal, não tangendo o que ele posteriormente conceituou como inconsciente coletivo.

Nesse primeiro momento da carreira de Jung, a partir de uma experiência prática no hospital psiquiátrico com o Teste de Associação de Palavras, é possível identificar o surgimento do seu conceito de complexos.

A teoria dos complexos foi de extrema relevância para o entendimento do inconsciente e a sua estrutura. Segundo Murray Stein (2006), os resultados dos experimentos com o Teste de Associação de Palavras convenceram Jung de que há entidades psíquicas fora da consciência que são capazes de causar perturbações de uma forma surpreendente; há uma reação emocional significativa. Assim, ele aponta que os conteúdos inconscientes responsáveis pelas perturbações da consciência podem ser compreendidos como complexos. Estes são núcleos emocionalmente carregados de energia que giram em torno de imagens, afetos e lembranças. Os complexos são formados desde o nascimento a partir de vivências que internamente mobilizam o indivíduo profundamente. Frequentemente, há a constelação dos complexos, que se configura como a emergência de um determinado complexo na consciência, provocando diferentes alterações (Stein, 2006). Vale ressaltar ainda que quanto mais conhecimento se tem a respeito dos complexos, mais fácil será lidar com eles. Portanto, uma das funções da terapia junguiana é fazer com que os complexos sejam conscientizados. Ainda destaco que todo complexo tem um núcleo arquetípico; uma potencialidade coletiva, que pode ser mais tocada dependendo da experiência individual de cada um.

Segundo Stein (2006), a partir do trabalho com seus pacientes e descobertas em seu próprio trabalho introspectivo, Jung foi penetrando cada vez mais profundamente nas fontes do material inconsciente, sendo a compreensão da estrutura dos complexos apenas o primeiro passo.

A partir da constatação de relações entre as imagens produzidas por alguns de seus pacientes com alguns temas que Jung estava estudando, como a mitologia egípcia e os povos nativos da América, bem como um sonho próprio, Jung percebeu que estava descobrindo a existência de uma camada coletiva do inconsciente.

A distinção entre inconsciente coletivo e pessoal esclarece uma questão fundamental, qual seja: o inconsciente como epifenômeno da consciência advindo das repressões, e o inconsciente como matriz criadora autônoma da vida psíquica normal. O aspecto criativo do inconsciente coletivo é a sua característica mais marcante, que Jung (vol. 8) denomina 'aspecto positivo' do inconsciente (Penna, 2013, p. 150).

Assim como o inconsciente pessoal é repleto de complexos, podemos dizer que o inconsciente coletivo é povoado por arquétipos. Estes se caracterizam como potencialidades inatas, herdadas da humanidade, a serem realizadas, ou “padrões e forças universalmente predominantes” (Stein, 2006). A partir dessa noção, Jung expande a ideia de inconsciente, sendo este constituído não só por componentes de ordem pessoal, mas também coletivo.

A citação acima de Eloísa Penna traz a noção da criatividade do inconsciente. Jung (vol. 8/2) aponta como este gera um impulso criador no sujeito; um potencial criativo. Assim, podemos dizer que os processos criativos têm sua origem no inconsciente.

Segundo Jolande Jacobi (2013), Jung denominou como psique a totalidade de todos os processos psíquicos, ou seja, tanto os conscientes quanto os inconscientes. Essas duas esferas se complementam e se contrapõem em suas propriedades, uma vez que a psique tem energia própria.

Jung concebe o conjunto do sistema psíquico como algo que se encontra em mobilidade energética constante, sendo que ele busca compreender por energia psíquica a *inteireza* daquela força que impulsiona e liga todas as formas e atividades desse sistema psíquico. A essa energia psíquica ele chama propriamente de libido. Ela nada mais é do que a intensidade do processo psíquico, seu valor psicológico, determinável apenas em efeitos e desempenhos psíquicos. (...) De acordo com isso, a estrutura da psique não tem um arranjo estático, mas dinâmico (Jacobi, 2013, p. 87).

Mais uma vez, percebe-se aqui uma divergência nas teorias junguiana e freudiana. Enquanto Freud considerava a libido como algo de ordem exclusivamente sexual, Jung assumiu uma concepção mais ampla, adotando o termo ‘libido’ para designar a energia psíquica como um todo.

É importante ressaltar que a energia psíquica é dinâmica e se movimenta entre inconsciente e consciente. Há uma complementação ou contraposição das esferas da psique que se dá através do mecanismo de auto-regulação, que configura uma tentativa de manter o equilíbrio da totalidade, um equilíbrio entre os opostos (Jacobi, 2013). Na medida em que nos identificamos com um dos lados de qualquer polaridade, o oposto se torna inconsciente. Como ‘ferramenta’ do mecanismo de auto-regulação da psique, se dá então a função compensatória do inconsciente.

Os processos inconscientes se acham numa relação compensatória em relação à consciência. Uso de propósito a expressão 'compensatória' e não a palavra 'oposta', porque consciente e inconsciente não se acham necessariamente em oposição, mas se complementam mutuamente, para formar uma totalidade: o si-mesmo (Jung, vol. 7/2, §274).

Além de totalidade, devemos compreender o si-mesmo ou Self como o arquétipo central da totalidade da personalidade; o centro organizador. Assim, este consiste tanto no centro como na totalidade da psique. O Self organiza o processo de individuação. Ele é um arquétipo organizador e estruturante cuja função primordial é equilibrar e mediar os opostos dentro da psique. No processo de individuação, há o confronto do ego com o Self, formando o famoso eixo ego-Self. A interação entre eles é contínua ao longo da vida e é esperado que o Self seja cada vez mais reconhecido e integrado.

De acordo com Jung “a individuação é o tornar-se um consigo mesmo, e ao mesmo tempo com a humanidade toda, em que também nos incluímos” (vol. 16, §. 227). O processo de individuação constitui uma das bases da psicologia analítica, e pode ser caracterizado como a busca de integração dos opostos numa totalidade; ele seria uma meta ideal de auto-realização. Ele tem como objetivo o desenvolvimento da personalidade individual. É através dele que o sujeito se forma e se diferencia; é o desenvolvimento do indivíduo psicológico como um ser distinto da psicologia geral e coletiva (Jung, vol. 6).

A possibilidade da consciência integrar os conteúdos do inconsciente é fundamental para o processo de individuação e para a psicologia analítica como um todo. É através dessa assimilação ou apreensão que acontece a transformação almejada pela psique; a transformação da personalidade. Assim, é preciso se atentar sempre às manifestações do inconsciente. A ajuda de um analista é válida – porém não fundamental – nesse momento, uma vez que o inconsciente se revela à consciência por meio de expressões simbólicas.

Como Penna (2004) colocou, os símbolos são máquinas psíquicas de transformação de energia inconsciente em energia consciente. Eles são a ponte entre essas duas dimensões. Assim, o símbolo surge a partir da tensão entre os opostos. Jacobi (2013) compartilha dessa ideia ao apontar que os símbolos são os verdadeiros transformadores de energia do acontecimento psíquico.

Em sua obra “O Homem e Seus Símbolos”, Jung define o conceito de símbolo.

O que chamamos símbolo é um termo, um nome ou mesmo uma imagem que nos pode ser familiar na vida cotidiana, embora possua conotações especiais além do seu significado evidente e convencional. Implica alguma coisa vaga, desconhecida ou oculta para nós. (...) Uma palavra ou uma imagem é simbólica quando implica alguma coisa além do seu significado manifesto e imediato. Esta palavra ou esta imagem tem um aspecto ‘inconsciente’ mais amplo, que nunca é precisamente definido ou inteiramente explicado (Jung et al, 1964, p. 18).

Ele coloca como o símbolo não define e nem explica: “ele aponta para fora de si, para um significado obscuramente pressentido, que escapa ainda à nossa compreensão e não poderia ser expresso adequadamente nas palavras de nossa linguagem atual” (vol. 8/2, §. 644).

A noção de função transcendente se dispõe como organizadora aqui. Jung coloca que “a função transcendente resulta da união dos conteúdos conscientes e inconscientes” (vol. 8/2, §. 131). Assim, essa função psicológica pode ser compreendida como a instância mediadora entre a incompatibilidade do consciente e inconsciente; um autêntico mediador entre o oculto e o revelado. É o diálogo entre aspectos inconscientes e conscientes da psique no qual nenhum dos lados tem prevalência, mas algo novo se forma (símbolo) que representa a união das duas partes. Segundo Penna (2004), através da compreensão ou integração do símbolo, ou seja, da cooperação e o acordo entre as dimensões consciente e inconsciente, o sujeito caminha na direção do processo de individuação.

É importante destacar que a integração de produtos do inconsciente na consciência acarreta na ampliação da consciência, que está diretamente relacionada com a capacidade de reconhecer as várias facetas da personalidade e buscar dentro de si a fonte de conhecimento, inspiração e criatividade (Arcuri, 2012). É a elaboração dos símbolos que promove essa ampliação. Com isso, se desenvolve uma integração da personalidade do sujeito.

É evidente que o conceito de símbolo desempenha uma função central na interpretação junguiana do sonho (Jacobi, 2013). Até porque, segundo Jung et al: “o homem produz símbolos, inconsciente e espontaneamente, na forma de sonhos” (1964, p. 21). Portanto, separei um capítulo do presente estudo para aprofundar mais a compreensão da psicologia onírica de Jung.

6 SONHOS

“Só é possível viver a vida em plenitude quando estamos em harmonia com estes símbolos, e voltar a eles é sabedoria” – C. G. JUNG

C. G. Jung foi um dos pioneiros na pesquisa dos sonhos. Através do estudo profundo que realizou acerca do mundo onírico, ele pôde compreender a dinâmica do campo inconsciente da psique. Esse mapeamento foi fundamental para a construção da psicologia analítica.

Primeiramente, vale ressaltar a importância que Jung dava à integração do inconsciente na consciência do sujeito. Segundo Penna (2004), a meta do processo de individuação é a construção da individualidade integral, realizando a integração do eu com as necessidades e exigências do mundo e com as demandas arquetípicas. O modo como isso se dá é pelo reconhecimento das facetas do inconsciente e do mundo.

A meta da psicoterapia junguiana é a realização da transformação almejada pela psique, que se dá na possibilidade da consciência integrar os conteúdos do inconsciente. O papel do analista se cumpre então em ajudar o paciente na elaboração das manifestações do inconsciente, promovendo assim a ampliação da consciência.

Logo, a interpretação dos sonhos se torna um campo de grande relevância, uma vez que é por meio deles que temos o material mais direto e explícito do inconsciente. Os sonhos têm a função de poder ampliar a consciência quanto a aspectos não percebidos pelo ego. Explicitando a importância dos sonhos para o acesso aos conteúdos inconsciente, Marie Louise Von Franz afirmou que “os sonhos têm sido considerados a via régia para o inconsciente. C.G Jung viajou por essa via e trouxe consigo um mapa da psique humana” (1992, p. 34).

Dito isso, é importante destacar que o inconsciente se exprime e se revela à consciência por meio de expressões simbólicas; e não através de uma linguagem racional acessível à mente consciente. Jung et al (1964) afirma que o sonho não se esconde; o que acontece é que não conseguimos compreender a sua linguagem.

Retomando o conceito do processo de individuação, que diz respeito ao tornar-se único e si-mesmo do sujeito, a interpretação dos sonhos é colocada como uma facilitadora desse processo, uma vez que componentes do inconsciente do sujeito são incorporados para o consciente, acarretando assim no autoconhecimento e na expansão da psique.

Jung descobriu não apenas que os sonhos dizem respeito, em grau variado, à vida de quem sonha, mas também que são parte de uma única e grande teia de fatores psicológicos. Descobriu, além disso, que, em conjunto, os sonhos parecem obedecer a uma determinada configuração ou esquema. A este esquema Jung chamou 'o processo de individuação (Von Franz, 1964, p. 211).

Jung et al (1964) afirma que o homem é produtor de símbolos – inconsciente e espontaneamente – na forma de sonhos. Segundo ele, estes são fantasias evasivas, precárias, vagas e incertas do inconsciente. Através da análise e reflexão acerca de sonhos de inúmeros pacientes, Jung pôde perceber que eles se referem a auto representações de desenvolvimentos inconscientes, dizendo que cada sonho é uma mensagem direta, pessoal e significativa enviada ao sonhador. O autor alega que os sonhos contêm imagens e associações de pensamentos que não são criados conscientemente, aparecendo de modo espontâneo.

Jung et al (1964) discorre sobre a teoria dos sonhos de Freud e relata a sua experiência pessoal e reflexiva de como foi cada vez mais se distanciando desta. Ele explicita como percebeu que não seria necessário utilizar o processo da associação livre sobre o sonho como ponto de partida quando se tem o intuito de descobrir os complexos¹ de um paciente. Assim, ele passou a questionar se não deveria prestar mais atenção à forma e ao conteúdo próprio do sonho, no lugar de se conduzir pela associação livre, como indicado por Freud. Esse novo pensamento foi considerado decisivo para o desenvolvimento da psicologia analítica.

Conhecemos o que é associação livre. Este método, até onde vai a minha experiência, mostrou ser bastante duvidoso. Por meio dele a pessoa se abre a qualquer número e tipos de lembranças que lhe vem à cabeça, o que se acredita que conduzirá aos complexos. Não me interessa por saber os complexos de meus pacientes. Quero saber o que os sonhos têm a dizer

¹ Complexos: conteúdos inconscientes responsáveis pelas perturbações da consciência; núcleos emocionalmente carregados de energia que giram em torno de imagens, afetos e lembranças.

sobre os complexos e não quais são eles. Quero saber o que o inconsciente de um homem está fazendo com os seus complexos. Eis o que decifro num sonho (Jung, 1985, p. 68).

Opondo-se então ao que a clínica freudiana propagava, Jung deixou de seguir as associações que se afastavam muito da narração de um sonho, mantendo-se o mais próximo possível deste e excluindo todas as ideias e associações irrelevantes que pudessem ser criadas. Ele preferiu se concentrar nas reflexões do próprio sonho, levando em consideração todos os vários e amplos aspectos deste.

Além disso, Jung expandiu a noção freudiana acerca da natureza do sonho. Enquanto Freud se atentava à causalidade do sonho, partindo de um desejo, uma aspiração recalcada expressa neste, Jung compreendeu que os sonhos também têm uma finalidade. Na realidade, ele acreditava que todo fenômeno psicológico deve ser abordado sob um duplo ponto de vista: causalidade e finalidade. Jung (vol. 8/2) aponta que esta última nada mais é do que uma tensão psicológica imanente dirigida a um objetivo futuro; uma possibilidade de impulsos inconscientes orientados para um fim. Considerando sob o ponto de vista de sua finalidade, o sonho tem um sentido e um alcance que lhe são próprios dentro do processo psíquico. É importante ressaltar que Jung ainda assinala que o ponto de vista da finalidade não implica uma negação das causas do sonho, apenas uma interpretação diferente dos seus materiais associativos. A partir dessa noção, podemos pensar: para que serve esse sonho? Assim, podemos dizer que os sonhos possuem uma certa continuidade para trás (causalidade) e uma para frente (finalidade).

Marie-Louise Von Franz foi uma analista que fez terapia com Jung e trabalhou diretamente com ele por mais de trinta anos, colaborando ativamente em algumas obras importantes. Uma série de filmes documentários foi dirigida e produzida por Fraser Boa, na qual Von Franz expõe o conhecimento acerca do mundo onírico que havia aprendido e descoberto com Jung. A partir desse documentário, o livro “O Caminho dos Sonhos” (1992) foi elaborado.

[Os sonhos] possuem uma inteligência superior, uma sabedoria e uma perspicácia que nos orientam. Eles nos mostram em que aspecto estamos enganados e nos alertam a respeito de perigos; predizem eventos futuros; aludem ao sentido mais profundo da nossa vida e nos propiciam *insights* reveladores (Von Franz, 1992, p. 24).

Ao analisar os sonhos como processos psíquicos vitais, Von Franz (1992) afirma que essa matriz parece orientar o ego consciente para uma atitude adaptada e madura frente à vida. Assim, estes podem fornecer dicas de como lidar com conflitos e como encontrar um sentido na vida, a fim de realizar o potencial que há dentro de cada um. A autora ainda aponta que os sonhos parecem ter informações às quais não se tem acesso, como se o inconsciente soubesse mais do que o consciente. Ela coloca que o mundo dos sonhos é o que existe de mais benéfico na face da Terra, e observar os próprios sonhos é de extrema relevância para a saúde mental de uma pessoa. James Hall (2003) também aponta que o sonho é necessário ao funcionamento psicológico saudável, uma vez que eles exercem efeitos notáveis sobre a vida mental consciente.

Apesar da importância dos sonhos para uma vida saudável, Von Franz (1992) ainda faz um alerta para os perigos do mundo onírico. Segundo ela, este só é benéfico e terapêutico se houver o estabelecimento de um diálogo, sem o abandono da vida real. Assim, a partir do momento em que a vida exterior começa a ser ignorada, o mundo dos sonhos torna-se perigoso, caracterizando o inconsciente devorador.

Jung et al (1964) discute como o sonho é uma expressão completa e pessoal do inconsciente de cada um. Assim, o inconsciente não pode ser decifrado através de um dicionário para a tradução dos símbolos, como é disseminado pelos meios de comunicação atuais. Von Franz (1992) também explicita o seu pensamento acerca dos famosos dicionários de sonhos. Segundo ela, eles fornecem uma interpretação estática com significados fixos, desviando assim do rumo certo e pessoal. O simbolismo onírico é extremamente individual e, para a exploração deste, é preciso conhecer as associações pessoais. Assim, na análise de sonhos, o que importa é o que o símbolo significa para o sonhador, assim como as experiências que este teve com o símbolo. Portanto, a análise dos sonhos é realizada com o sonhador, uma vez que a sua ajuda é fundamental para limitar a variedade das significações verbais dos conteúdos trazidos do sonho.

A fim de demonstrar como se dá a análise dos sonhos, Jung (vol. 8/2) desenvolveu um procedimento chamado de *reconstituição do contexto*. Através desse método seria possível determinar o sentido do sonho, procurando ver, através das associações do sonhador, quais significações aparecem para cada detalhe mais relevante. Esse trabalho pode ser considerado simples e quase mecânico, tendo um

valor preparatório para Jung. A produção subsequente a isso é descrita por ele como algo muito mais complexo.

(...) a verdadeira *interpretação do sonho*, pelo contrário, é geralmente uma tarefa exigente. Ela pressupõe empatia psicológica, capacidade de combinação, penetração intuitiva, conhecimento do mundo e dos homens e, sobretudo, um saber específico que se apoia ao mesmo tempo em conhecimentos extensos e numa certa inteligência do coração” (Jung, vol. 8/2, §. 543).

Assim, a análise dos sonhos se coloca como uma área de difícil compreensão da Psicologia, contendo inúmeras dificuldades e requerendo estudos aprofundados. E, claro, não podemos ignorar a “inteligência do coração”, descrita acima por Jung.

Retomando o que foi mencionado no capítulo anterior, é importante destacar que o sonho não obedece à nossa vontade, se opondo – muitas vezes fortemente -- às intenções da consciência, revelando assim divergências entre os campos da psique. Foi a partir dessa noção que Jung designou como “autonomia do inconsciente” esse movimento independente.

Jung (vol. 8/2) apresenta três possibilidades das tendências apresentadas no sonho: se a atitude da consciência adota uma posição fortemente unilateral, o sonho tende a apresentar o oposto disso; se a consciência tem uma posição que se aproxima mais do centro, o sonho se contenta em exprimir variantes disso e; se a atitude da consciência é “adequada”, o sonho coincide com isso, mesmo que o faça por analogias.

Portanto, o comportamento dos sonhos tende a se constituir segundo um funcionamento de compensação, no qual o sonho compensa as visões limitadas do ego vígil. Ou seja, eles não coincidem com as tendências da consciência, mas são na realidade um instrumento de transformação da mesma. Isto se dá através de uma confrontação e uma comparação entre diferentes pontos de vista, resultando em uma estabilização. É por isso que podemos inferir que a finalidade do funcionamento de compensação do sonho é estabelecer um equilíbrio psíquico normal. Essa dinâmica seria então um reflexo do mecanismo de auto-regulação da psique.

Segundo Jung et al (1964), é justamente por causa desse comportamento compensatório que a análise adequada dos sonhos mostra novos pontos de vista que ajudam o sujeito a sair da terrível estagnação. A função do sonho constitui assim um ajustamento psicológico (Jung, vol. 8/2). Esse ajustamento funciona à serviço do

processo de individuação, no sentido de fazer o sujeito aproximar-se cada vez mais de sua unicidade, da totalidade psíquica e do si-mesmo. Além da função compensatória do sonho, Jung (vol. 8/2) também disserta sobre a função prospectiva deste. De acordo com ele, esta seria:

Uma antecipação, surgida no inconsciente, de futuras atividades conscientes, uma espécie de exercício preparatório ou esboço preliminar, um plano traçado antecipadamente. Seu conteúdo simbólico constitui, por vezes, o esboço de solução de um conflito (Jung, vol. 8/2, §. 493).

É importante ressaltar que o caráter prospectivo do sonho não passa de uma combinação prévia de possibilidades que podem concordar com o que de fato acontecerá, ou não acontecerá. Essa função pode esclarecer para que sentido o sujeito está indo, no que diz respeito ao processo de individuação. Apesar de um aspecto extremamente relevante, Jung alerta para o perigo de exagerar a função prospectiva, tendendo a ver o sonho como um guia para o caminho da vida que contém uma sabedoria superior. Segundo ele, é um perigo exagerar a importância do inconsciente para a vida real.

Apesar de parecer completa as noções de função compensatória e função prospectiva, Jung alerta que isso está longe de esgotar todas as possibilidades de interpretação (Jung, vol. 8/2). Segundo ele, há uma espécie de sonho que poderíamos chamar de sonho reativo, que são apenas a reprodução de uma experiência consciente carregada de afeto. Podemos inserir a aparição de eventos traumáticos nos produtos oníricos aqui.

Outro aspecto que Jung (vol. 8/2) apontou acerca dos sonhos é que estes podem conter um fenômeno telepático. Segundo ele, algumas pessoas são muito sensíveis e frequentemente têm sonhos de caráter fortemente telepático. O autor admite isso apesar de não se prolongar em uma conceituação, uma vez que, segundo ele, as leis que os regem escapam ao alcance de um saber meramente acadêmico.

Além das funções contidas nos sonhos, existem outros movimentos interessantes que acontecem no universo onírico. Hall (2003) aponta que talvez a mudança mais radical experimentada em um sonho seja o deslocamento da própria identidade do ego em diferentes personagens – ou como personagem nenhum, como se os acontecimentos fossem observados pelo ego onírico de uma posição flutuante.

É importante destacar que Jung (vol. 8/2) aponta que a imagem do sonho se compõe de fatores subjetivos do sonhador, formados espontaneamente. Assim, podemos dizer que todas as figuras do sonho são traços personificados da personalidade do sujeito.

Apesar da importância que os sonhos podem – e devem – ter em nossas vidas, é evidente para qualquer um que a compreensão deles é muito complexa e aparentemente impossível em alguns casos. Dito isso, pode-se levantar a seguinte questão: se os sonhos produzem compensações tão essenciais assim, por que eles não são compreensíveis?

Jung (vol. 8/2) aponta que a combinação das representações no sonho é essencialmente de natureza fantástica, configurando o qualitativo vulgar de absurdos. Assim, é característico que o sonho quase nunca se exprima na forma abstrata e lógica, mas sempre por meio de parábolas ou de linguagem simbólica (Jung, vol. 8/2). Von Franz (1992) afirma que a dificuldade para interpretar os próprios sonhos se dá por conta de se tratar do desconhecido. Ele indica algo que o sujeito não sabe, um ponto cego. É por isso que, no senso comum, os sonhos parecem se apresentar sem sentido algum. O leigo tende também a interpretar os seus sonhos de forma literal, o que não deve ser feito em hipótese alguma. Os sonhos devem ser sempre compreendidos simbolicamente. Assim, poder contar com a visão de outra pessoa na interpretação dos sonhos é de extrema relevância, principalmente quando se trata de um analista. Entretanto, não se descarta a cooperação de um leigo nesse processo, uma vez que, tendo em vista que o sonho tende a tratar do ponto cego do sonhador, uma outra pessoa pode apresentar algum aspecto desconhecido para ele.

Jung (vol. 8/2) aponta como a apreciação do simbolismo do sonho varia conforme o ponto de vista que se considerar (causal ou final). Segundo ele, a riqueza de sentidos do sonho reside na diversidade das expressões simbólicas. Enquanto o ponto de vista causal tende para a fixação dos significados dos símbolos, o ponto de vista final, em contrapartida, vê nas variações das imagens oníricas a expressão de uma situação psicológica que se modificou, não reconhecendo assim significados fixos dos símbolos. Do ponto de vista da finalidade, as imagens oníricas possuem o seu valor próprio.

Vale ressaltar também que o efeito terapêutico do sonho não se dá apenas através de uma compreensão simbólica deste, uma vez que ele por si só tem um efeito na vida do sujeito. Segundo Jung “a compreensão não é um processo exclusivamente intelectual, porque (...) imensas coisas, mesmo incompreendidas, intelectualmente falando, podem influenciar e até mesmo convencer um homem” (vol. 8/2, §468). Assim, podemos dizer que o sonho pode ser compreendido no nível emocional, e não apenas intelectual do sujeito. Ou seja, não necessariamente os sonhos precisam ser interpretados para que uma transformação aconteça. De acordo com Hall (2003), o acontecimento natural de sonhar pode ter um profundo efeito sobre a consciência vígil.

É importante destacar que Jung afirmou que a compensação é presente na maioria dos casos, mas que não podemos nos contentar com isso, uma vez que ela pode levar a um desenlace fatal (Jung, vol. 8/2). Assim, não podemos ter uma visão romântica da função compensatória, uma vez que a auto-regulação não necessariamente vai encontrar o melhor resultado para a psique.

Ademais, existe um fenômeno que no sonho isolado acaba sendo escondido pela compensação. Jung (vol. 8/2) caracterizou esse fenômeno como uma espécie de processo evolutivo da personalidade. Este se exprime espontaneamente no simbolismo de longas séries de sonhos, aparecendo ligações entre eles em um processo de desenvolvimento e organização que se desdobra segundo um plano elaborado. Esses são considerados os sonhos do processo de individuação.

O autor ainda separou os sonhos como “banais” e “significativos”. Enquanto os chamados sonhos banais derivam do inconsciente pessoal, não ultrapassando das variações do equilíbrio psíquico do indivíduo, os sonhos significativos ficam gravados na memória e são imagens ricas das experiências psíquicas vividas.

Jung (vol. 8/2) relata que examinou uma grande quantidade de sonhos desse segundo tipo e, segundo ele, estes apresentam aspectos que são encontrados também na história do espírito humano. Esta peculiaridade está presente nos sonhos do processo de individuação, os quais contém os chamados motivos mitológicos ou, como Jung definiu: os arquétipos. A confirmação dos sonhos do processo de individuação comprova que a alma humana é subjetiva e pessoal apenas por um lado, uma vez que também apresenta uma faceta coletiva e objetiva. São os sonhos arquetípicos que provem da camada mais profunda da psique – o inconsciente

coletivo. Segundo Jung (vol. 8/2), esses sonhos ocorrem em momentos cruciais da vida e a sua interpretação apresenta grandes dificuldades, uma vez que o material associativo que o sonhador pode fornecer é escasso.

Assim, pode-se dizer que é possível que as imagens oníricas se refiram a uma emoção coletiva, ou seja, uma circunstância típica muito afetiva que não se configura inicialmente como uma experiência pessoal, e sim da humanidade como um todo. Von Franz (1992) também relata que esses são sonhos menos explícitos e que não suscitam muitas associações. Segundo ela, os sonhos arquetípicos têm um significado mitológico e, em geral, as pessoas não associam a nada. Esse tipo de sonho se apropria de figuras coletivas porque não tem como finalidade revelar um desequilíbrio pessoal, e sim um conflito eterno que se repete na humanidade. Ainda vale ressaltar que os sonhos mais individuais são completamente contaminados e entrelaçados pelos arquétipos. Essa diferenciação deve ser considerada meramente didática.

Além desses tipos de sonhos, Jung (vol. 8/2) ainda indicou a existência dos sonhos “médios”, provavelmente predominantes no mundo onírico. Esses sonhos teriam uma certa estrutura passível de ser identificada, tendo alguma analogia com a estrutura dramática. Os sonhos médios se configuram então em quatro etapas: exposição, desenvolvimento da ação, culminação/peripécia e lise/resultado. A primeira fase consiste na indicação de lugar e dos personagens da ação, apontando a situação inicial. A segunda consiste numa complicação da situação inicial, estabelecendo uma certa tensão pela incógnita do que acontecerá em seguida. É na terceira fase que acontece algo de decisivo, mudando a situação por inteiro. A quarta e última fase consiste na solução, constituindo o resultado produzido pelo trabalho do sonho, apontando a situação final, ou talvez a catástrofe. Vale ressaltar que às vezes falta a quarta etapa no sonho, ou seja, nem todos os sonhos produzem resultados.

Von Franz (1992) também fala sobre a estrutura do sonho, apresentando atrelada a ela uma espécie de técnica ou guia para interpretação. Segundo a autora, toma-se a primeira sentença do relato do sonho (que em geral descreve a cena da ação e os protagonistas) e pergunta-se ao sonhador quais são as suas associações acerca disso. Essas associações são então inseridas no texto do sonho. Além de incluir as associações extras, é preciso se atentar ao momento em que o sonho ocorreu e à vida do sonhador. Isso se dá porque é impossível interpretar um sonho se

a situação consciente do sujeito for ignorada. O passo seguinte seria então nomear o problema relatado no sonho. Von Franz sugere que, dessa forma, pode-se aos poucos cobrir o sonho inteiro. É um trabalho minucioso e complexo. Ela ainda ressalta a importância de um olhar cuidadoso à última sentença do sonho, uma vez que esta poderia ser a solução inconsciente do problema. Entretanto, como já foi mencionado, é fato que alguns sonhos não levam a nada, ou seja, o próprio inconsciente não tem solução. Apesar disso, o final do sonho contém o aspecto que deve ser conscientizado e, por isso, Von Franz alerta para sempre perguntar como termina o sonho.

Evidentemente, na análise junguiana os sonhos são muito utilizados como ponto de referência para o decorrer do processo analítico. Assim, tanto o analista como o analisando se colocam na tentativa de compreender o que o sonho está tentando dizer para o sonhador. Como analista, deve-se precaver para evitar o mais sério erro no uso clínico dos sonhos. Segundo Hall (2003), isso seria o caso do terapeuta projetar seus próprios pensamentos acerca do paciente, no lugar de usar o sonho como uma mensagem corretiva, proveniente do inconsciente do paciente. Esse é um dos motivos pelo qual Jung repetidamente alerta à necessidade de análise e supervisão do analista.

Segundo Jung (vol. 8/2), é tentador se impressionar com o papel do inconsciente na psicologia dos sonhos, mas deve-se prestar muita atenção a isso: essa superestimação prejudica a força da determinação consciente. Dito isso, é importante relembrar que o inconsciente apenas funciona satisfatoriamente quando a consciência cumpre a sua tarefa de modo regular.

É importante destacar ainda as duas formas de análise dos sonhos que Jung (vol. 8/2) apontou. Segundo ele, há a interpretação a nível do objeto e a nível do sujeito. A primeira consistiria em compreender as imagens como se elas se referissem à realidade externa do sonhador, e a segunda como personificações de aspectos psíquicos dele. Essas duas formas de análise podem ser realizadas concomitantemente; vai depender da disposição e capacidade do paciente de compreensão.

Hall (2003) afirma que a interpretação de sonhos envolve um diálogo contínuo entre o ego e o inconsciente e que é de extrema importância não considerar nunca o sonho como esgotado, sendo sempre possível encontrar algum significado útil para

ele. São muitos os benefícios que a interpretação dos sonhos pode trazer. Como já foi mencionado, esta permite que se torne consciente a direção em que o processo de individuação está se desenrolando. Assim, quando realizada com êxito, a interpretação dos sonhos pode auxiliar para que o movimento do processo de individuação aconteça com mais rapidez e consistência.

Por fim, ressalto então a importância que o mundo onírico tem para a saúde mental do sujeito. A análise do inconsciente é apresentada como um dos caminhos para estabelecer a harmonia entre consciente e inconsciente. A importância dessa integração é imensurável para a psicologia analítica, sendo responsável pela transformação almejada pela psique para que cada indivíduo se torne aquilo que de fato é. Considero, então, de suma importância o estudo da teoria onírica junguiana, sendo esta uma das pioneiras do campo, mas que ainda se mostra extremamente atual.

7 ENVELHECIMENTO E MORTE

“Depois de haver esbanjado luz e calor sobre o mundo, o sol recolhe os seus raios para iluminar-se a si mesmo” – C. G. JUNG

Tendo em vista que o objetivo deste estudo é a realização de uma leitura de sonhos de pessoas idosas a fim de identificar se há uma relação entre os seus produtos oníricos e a morte, uma caracterização da velhice e as diferentes questões que a atravessam será realizada tanto numa perspectiva geral como com ênfase na psicologia analítica.

7.1 Caracterização geral da velhice e seu lugar na sociedade

Contextualizando historicamente, os idosos já ocuparam diferentes lugares na sociedade. Segundo Ferrigno et al (2006) é possível supor que a vida na era pré-moderna era muito similar para as diferentes idades, não havendo muitos estágios de vida e não sendo estes tão demarcados. Os autores afirmam que a recente atribuição de papéis mais particulares às gerações acarretou num maior distanciamento entre elas. Além disso, percebe-se um esvaziamento de papéis e uma diminuição de funções estabelecidas para os idosos, decretando um isolamento a essa geração.

Ferrigno et al (2006), ao apresentarem alguns mitos relacionados à velhice, trazem a noção de que a equivalência do envelhecimento à decadência está intimamente ligada aos moldes da sociedade capitalista. Isso porque a sociedade mantém e dissemina a ideia de que a pessoa vale o quanto produz e ganha. Assim, os mais velhos, fora do mercado de trabalho, são praticamente descartados.

Entretanto, vale ressaltar que há um movimento da terceira idade nos últimos tempos, trazendo uma nova perspectiva sobre a sua imagem e comportamento. Ferrigno et al (2006) apontam que, a partir dos anos 90, houve uma tendência de reaproximação entre as gerações no Brasil por conta de iniciativas institucionais que apostam na riqueza das trocas afetivas e de experiências entre jovens e idosos. Assim, é esperado que esse novo tipo de relação intergeracional contribua para a redução do preconceito etário, que tem uma nova terminologia, o idadismo.

Segundo Ferrigno et al (2006), na terceira idade cada sujeito retoma os dados de sua história e os reconstrói com os fios do presente. Essa etapa pode ser caracterizada por diferentes perspectivas como um tempo de decadência, dependência, isolamento, protagonismo ou amadurecimento. Os autores descrevem três mitos que discriminam e delimitam o lugar e o papel da pessoa idosa na sociedade brasileira, sendo estes: (1) a redução do envelhecimento ao processo orgânico; (2) a consideração do processo de envelhecer como decadência e; (3) a interpretação da velhice como problema. É evidente que essa visão atravessa todas as classes e instituições, sendo as principais a família, a medicina e o Estado.

A noção da velhice como problema está repleta de contradições, uma vez que não corresponde ao imenso e crescente espaço ocupado pelos idosos. Isso pode ser compreendido tendo em vista que a mídia não cumpre a sua função de divulgar para o reconhecimento público os novos espaços que os idosos vêm ocupando. É incontestável que na terceira idade diversos problemas relacionados à saúde se tornam mais frequentes e graves, uma vez que o corpo perde a sua autonomia gradualmente, tornando-se cada vez mais frágil. Entretanto, é extremamente simplista reduzir a velhice a doenças e fragilidades. O tempo ainda urge na velhice; ainda há uma fome de viver, fazer, descobrir, crescer e desenvolver. Não é possível negar que os idosos vêm ocupando cada vez mais espaços, seja na família, na economia, no turismo ou em outras instâncias sociais.

Também vale ressaltar a variação no que diz respeito ao modo como os idosos são vistos e tratados nas diferentes sociedades. Embora na cultura ocidental prevaleça uma grande valorização da juventude, marginalizando e desqualificando os idosos, em outras culturas, como nas orientais, o idoso frequentemente representa sabedoria e experiência, caracterizando assim uma valorização da terceira idade.

Apesar dessa valorização do idoso no oriente, evidentemente não é o que se observa no ocidente. Monteiro (2011) aponta que ser considerado velho, aqui, pode significar uma ameaça de exclusão e isolamento. O autor traz a ideia de descanso para os mais velhos como absurda ao relatar que um dos problemas mais populares entre os idosos é justamente a síndrome de imobilização. Segundo ele “enquanto estivermos vivos temos de continuar realizando. Não importa o que fazemos, e sim se o que fazemos tem significado para nós” (p. 91).

Joan M. Erikson, em sua contribuição na obra “O Ciclo de Vida Completo” (1998), aponta como na velhice há uma diminuição da independência do sujeito, que pode acarretar num enfraquecimento da auto-estima e confiança. A autora também apresenta a atitude habitual em relação aos idosos na atualidade como espantosa, sendo esta repleta de escárnio, desprezo e repulsa. Além disso, ela compartilha a ideia de Lars Tornstam, um sociólogo sueco, acerca da gerotranscendência. De acordo com Tornstam (2005), o envelhecimento humano inclui um potencial de gerotranscendência, que seria uma mudança de meta perspectiva, de uma visão materialista e racional para uma visão mais cósmica e transcendente – normalmente seguida por um aumento na satisfação com a vida. O autor ousa ao comparar essa noção ao processo de individuação de Jung, ao mencionar que a gerotranscendência é considerada como o estágio final de um processo natural rumo à maturação e à sabedoria.

Ferrigno et al (2006) fazem um trabalho com idosos no qual identificam a busca de encarar o desafio de persistirem donos de seus próprios desejos. Os autores definem a velhice como um constante e inacabado processo de subjetivação e fazem uma discussão acerca das dificuldades no enfrentamento da velhice sob a ótica psíquica. Os autores apontam a sociedade intolerante com o “outro”, o “diferente” como responsável pelo sofrimento dos idosos, uma vez que estes apresentam algumas limitações. Eles relatam como cada época produz formas específicas de mal-estar e apresentam o incômodo frente aos sinais do envelhecimento como um desespero frente ao incontrolável, à finitude. Ferrigno et al (2006) ainda ressaltam como lidar com a possibilidade da aproximação da morte pode se apresentar como um convite ao idoso para recorrer a vivências passadas, revendo significados e buscando também novas experiências. Assim, a velhice pode ser também um tempo de aquisição.

A revisão do projeto de vida, adequando-o à realidade atual sob o ponto de vista das condições pessoais, orgânicas e econômicas, deixa entrever soluções criativas e particulares. O idoso ativo apresenta sintonia entre as fantasias e a possibilidade de realizá-las, reapropriando-se do seu destino. O direito de o indivíduo usufruir bem-estar pessoal deve estar presente em qualquer faixa etária (Ferrigno et al, 2006, p. 97).

Segundo Magalhães et al (2012), a inevitável ideia de finitude sempre fez parte do imaginário humano, sendo possível encontrar rastros disso em diferentes

aspectos da cultura independentemente da época. Para ilustração, é apontado inclusive como desde os tempos das cavernas já se apresentavam gravuras com imagens arquetípicas da morte, como “perda, ruptura, desintegração, degeneração, mas também fascínio, sedução, transformação, entrega, descanso ou alívio” (p. 134).

Apesar da noção de morte e finitude atravessar a vida humana desde tempos imemoriais, percebe-se hoje um esforço intenso para adiá-la ou denegá-la. Se antes o homem lidava com a morte como constitutiva do sujeito, hoje podemos observar um estranhamento nessa relação. Segundo Magalhães et al (2012), com a onda de higienização e normatização da sociedade a partir do século XVIII, foram criados locais específicos para o envelhecimento e morte. Os idosos foram assim limitados a instituições e a morte deixou de ser um acontecimento familiar, se tornando cada vez mais distante do sujeito. Kovács (1992) inclusive aponta como o século XX passou a esconder a morte, sendo assim transformada em tabu. Esta adquiriu uma conotação de fracasso, perdendo a noção de um acontecimento natural e próprio do ciclo vital.

7.2 A temporalidade na vida humana

Ferrigno et al (2006) ressaltam a ideia de que atualmente há a busca incansável da felicidade; de viver plenamente com dignidade. As pessoas fazem de tudo para combater a doença, a dor, o sofrimento e vencer a própria morte. Os autores trazem algumas reflexões sobre como trabalhar com a dimensão da temporalidade da vida humana ao apresentar as duas formas de viver o tempo: como *Cronos* ou *Kairós*¹. Eles apontam *Cronos* como “a marca implacável da finitude e temporalidade humanas no processo de envelhecimento de nosso corpo” (p. 66). Seria este o tempo das batidas do relógio. É nessa dimensão de tempo que lutamos contra e nos sentimos vítimas; na qual tratamos o tempo como um inimigo. Então, os autores apresentam *Kairós* ao falar que, mesmo sendo igual para todos, o tempo é percebido subjetivamente de forma diferente para cada um. Ferrigno et al (2006) discutem que apesar de vivermos no *Cronos*, não somos apenas vítimas do processo de envelhecimento. É possível fazer a diferença desenvolvendo uma atitude positiva que

¹ Cronos x Kairós: são termos retirados da mitologia grega para designar o tempo.

depende somente de nós, ou seja, é preciso fazer acontecer a dimensão do *Kairós*. Esta seria a experiência da graça maior que plenifica a vida e lhe dá sentido; o tempo medido com as batidas do coração (Ferrigno et al, 2006).

Monteiro (2011) também trabalha com essas dimensões de tempo, apresentando *Kairós* como a representação do tempo da oportunidade, autobiográfico, vivido pelo sujeito; enquanto *Cronos* como o tempo consensual que é compartilhado por todos; castrador e devorador. O autor apresenta a desvalorização da velhice como um reflexo do nosso tempo: vivemos uma época de correria, sempre em busca de novidades e atualizações.

Essas diferenças na vivência do tempo influenciam o desenrolar do processo de envelhecimento. Nesta fase do ciclo vital em que as perdas superam os ganhos, o que caracteriza o envelhecimento saudável é a possibilidade de otimizar os recursos, compensando as perdas; é o processo de otimização seletiva com compensação, assim definido por Elder (1991). É importante selecionar as metas mais significativas buscando realizá-las, mantendo o desejo ativo. Não será tudo possível, mas poderá ser uma vivência rica e gratificante. Esta é uma solução que traz transformação psíquica, enquanto que buscar manter-se num passado idealizado pode se mostrar como uma solução regressiva.

Ao dar um sentido a todo o ciclo vital, o idoso pode ter a sensação de integridade ou desesperança, segundo Erik Erikson (1976). O primeiro sentido a ser desenvolvido se refere a uma aceitação da passagem do tempo e conseqüentemente da finitude; uma sensação de bem-estar com o próprio ciclo vital e de realização dentro das possibilidades. Já o segundo se relaciona com arrependimentos; com o desejo de que o tempo volte a uma fase anterior de satisfação e prazer, com a idealização do passado perdido. Assim, pode-se imaginar a dificuldade de figurar e enfrentar a morte quando esta posição é vivenciada pelo idoso.

Na velhice fecha-se o ciclo vital e integram-se e articulam-se as gerações. Como disse Erikson (1976), “as crianças sadias não temerão a vida se seus antepassados tiveram integridade bastante para não temer a morte” (p. 248).

7.3 Envelhecimento e morte na perspectiva da psicologia analítica

Jung apresenta suas ideias quanto à morte e ao envelhecimento em sua obra *A Natureza da Psique* (vol. 8/2). O autor compara a vida do ser humano com o percurso diário realizado pelo sol, trazendo a imagem de uma parábola. Há o nascer do sol, que então se eleva no horizonte e se encontra a pino no meio-dia, seguindo um movimento de descendência até se por. Jung denominou como *metanoia* o instante do meio-dia.

Observamos que nesta fase – precisamente entre os trinta e cinco e os quarenta anos – prepara-se uma mudança muito importante, (...) mudanças que parecem começar no inconsciente. Muitas vezes é como que uma espécie de mudança lenta do caráter da pessoa; outras vezes são traços desaparecidos desde a infância que voltam à tona; às vezes também antigas inclinações e interesses habituais começam a diminuir e são substituídos por novos. Inversamente – e isto se dá com muita frequência – as convicções e os princípios que os nortearam até então, principalmente os de ordem moral, começam a endurecer-se e enrijecer-se, o que pode levá-los, crescentemente, a uma posição de fanatismo e intolerância, que culmina por volta dos cinquenta anos” (Jung, vol 8/2, § 773).

É importante ressaltar que a idade a que Jung se referia (trinta e cinco-quarenta anos) pode ser considerada um tanto precoce para designar o meio da vida atualmente, devido ao aumento da longevidade. Assim, podemos questionar o referencial etário colocado por Jung. De qualquer forma, a citação é esclarecedora na medida em que explicita o que seria essa marca da metade da vida, ou a metade do processo de individuação (que acontece durante todo o ciclo vital).

Seria nesse momento que a consciência se abre para o outro lado e, sentindo-se mais fortalecida, passa a se adaptar ao mundo interno, em direção ao Self². Como foi mencionado anteriormente, no processo de individuação há o confronto do ego com o Self (eixo ego-Self). Assim, é esperado que o Self seja cada vez mais reconhecido e integrado. Esse movimento tende a ser mais consistente nessa segunda metade da vida.

Aqui, há uma mudança significativa, e como aponta Freitas (1992), os referenciais antigos da consciência não servem mais; é preciso encontrar novos. Isso

² Self: a totalidade e centro da psique.

pode ser compreendido também como o movimento da libido (energia psíquica), que na primeira metade da vida se apresenta em progressão e, na segunda, em regressão. É a partir do início da segunda metade da vida que a morte se coloca como questão, passando a ocupar um lugar fundamental na consciência do indivíduo.

Do meio da vida em diante, só aquele que se dispõe a morrer conserva a vitalidade, porque na hora secreta do meio-dia da vida inverte-se a parábola e nasce a morte. A segunda metade da vida não significa subida, expansão, crescimento, exuberância, mas morte, porque o seu alvo é o seu término. A recusa em aceitar a plenitude da vida equivale a não aceitar seu fim (Jung, vol 8/2, §. 800).

Apesar de considerar esse processo como natural do ser humano, Jung (vol. 8/2) aponta como o medo diante da morte pode ser paralisador. Conforme ele, é por isso que algumas pessoas se petrificam na idade madura, se apegando fortemente ao passado e não estabelecendo assim uma relação vital com o presente. Observa-se um reflexo disso nos dias de hoje, inclusive, com a tendência global de manter a aparência jovem a qualquer custo. Como já dizia Jung, “a velhice é sumamente impopular” (vol. 8/2, §. 801). Entretanto, Von Franz (1999), notavelmente, ressalta que o medo da morte observado na sociedade ultrapassa a morte objetiva, remetendo ao medo do confronto íntimo e final com o Self. Vale ressaltar que esse encontro com o Self conduz o desenvolvimento da personalidade do sujeito.

Se torna imprescindível entrar em contato com a finitude para um processo saudável de envelhecimento; mas não apenas de envelhecimento. Magalhães e Serbena (2011) apontam que aqueles que são incapazes de encarar e aceitar a própria mortalidade são igualmente incapazes de progredir rumo ao desenvolvimento de si mesmos; rumo à individuação. Segundo eles, a morte pode ser considerada um evento singular capaz de propiciar sentidos relevantes e propósitos concretos para o processo de individuação. A janela que se abre para a compreensão da morte revela uma visão cada vez mais profunda do fenômeno vida (Von Franz, 1990).

A individuação é concebida assim como o arquétipo regente da vida humana, colocando a díade vida-morte como representante da dualidade complementar do arquétipo (Magalhães e Serbena, 2011). Os autores, ao citar Edinger e Jung, colocam como a interação dinâmica de vida-morte, mediante o mecanismo simbólico, possibilita a ação da função transcendente que restabelece a totalidade pela

integração dos opostos com o objetivo de conduzir à realização da personalidade originária, potencial.

Essa realização é decorrência da ativação do arquétipo da individuação no qual a pessoa é impulsionada a realizar plenamente as potencialidades inatas em direção ao seu centro íntimo (Self) e tornar-se si mesma, inteira, completa, indivisível e distinta das outras pessoas. A busca é por sintonia com a própria essência do indivíduo, por meio de ações dirigidas para o desenvolvimento da personalidade (Magalhães; Sarbena, 2011, p. 5).

É importante apontar que a ampliação da consciência vai se colocar como imprescindível para que esse processo aconteça. A capacidade de reconhecer as diversas facetas da personalidade é necessária para se tornar cada vez mais único. Assim, podemos dizer que o contato com o mundo interno é cada vez mais importante para que o processo de individuação possa fluir.

Esse bom relacionamento com o mundo interno se torna importante na velhice por conta do isolamento ou retraimento que acontece nessa faixa etária – seja esse conscientemente escolhido ou forçado. Com a perda de seus entes queridos no mundo exterior, o sujeito precisa cada vez mais de si mesmo. Magalhães et al (2012) apontam como a velhice ideal consistiria em um tempo de reflexão, assimilação do passado, busca de significado e um avanço rumo à totalidade, apontando como este contato com o mundo interior na última fase da vida pode fazer com que a individuação ocorra inclusive em ritmo acelerado.

Entretanto, o contato com o mundo interior parece ser cada vez mais evitado. A sociedade contemporânea e a sua insaciável necessidade de anestesiarem o sofrimento acaba por evitar o processo lento e doloroso de encontro com os aspectos obscuros do inconsciente, muitas vezes privando-se da experiência simbólica da morte que poderia ser vivenciada visando um envelhecimento mais saudável. Os reflexos da lógica medicamentosa, trazendo soluções quase instantâneas para o processo de adoecimento psíquico, revelam a dificuldade do homem pós-moderno em lidar com as perdas, as renúncias e a complexidade do tempo *Cronos*.

Nádia Santos (2006) aponta que “um envelhecer saudável dar-se-á se as etapas anteriores foram cumpridas da forma mais completa, segura e criativa possível, e a segunda metade da vida se der de forma ajustada às solicitações do mundo interior de cada indivíduo” (p.17). A autora aponta como é imprescindível que o indivíduo

saiba viver distintamente as fases da vida, para saber envelhecer e desfrutar dessa fase tão introspectiva. Apesar de um momento como esses ser muitas vezes interpretado como estado depressivo ou melancólico, ilustrando o reflexo de um mundo que privilegia a extroversão e a vida útil, é preciso dar sim importância à vida introspectiva e introvertida, tentando compreender o que a vida psicológica mais interior de cada um está lhe solicitando. Percebemos aqui o quanto a velhice se coloca como necessária para que o caráter de uma pessoa se complete.

Entretanto, como foi mencionado anteriormente, é possível identificar uma negação e rejeição da velhice. Segundo Jung (vol. 8/2), é importante para o sujeito que envelhece uma dedicação séria ao seu próprio si-mesmo. Porém, ao invés de fazê-lo, observa-se uma enorme quantidade de idosos “hipocondríacos, avarentos, dogmatistas, louvadores do passado e até mesmo eternos adolescentes” (vol. 8/2, §786). Freitas (1992) aponta que quem se recusa a acompanhar o ritmo natural da vida, permanece duro e rígido, fixado nas recordações do passado e sem relação com o presente. Jung coloca como o sujeito teme os pensamentos sombrios da velhice que se aproxima, se voltando desesperadamente para o passado: esta seria uma solução regressiva, que não traz transformação psíquica.

Assim, a autor afirma que, muitas vezes, uma perspectiva e um objetivo fixados no futuro se colocam como necessários na vida das pessoas. Ele relaciona essa noção, inclusive, com a ideia de que todas as grandes religiões prometem uma vida no além, fazendo com que o homem possa viver a segunda metade da vida com o mesmo empenho da primeira. As religiões poderiam ser interpretadas, assim, como complexos sistemas de preparação para a morte (Freitas, 1992).

Como médico, estou convencido de que é mais higiênico – se assim posso dizer – olhar a morte como uma meta para a qual devemos sempre tender, e que voltar-se contra ela é algo de anormal e doentio que priva a segunda metade da vida de seu objetivo e seu sentido. (...) Do ponto de vista da psiquiatria, seria aconselhável que só pudéssemos pensar na morte como uma transição, como parte de um processo vital cuja extensão e duração escapam inteiramente ao nosso conhecimento (Jung, vol. 8/2, § 792).

Jung (vol. 8/2), ao comentar a sua extensa experiência com inúmeros pacientes, aponta ter observado que a aproximação com o fim da vida é muitas vezes indicada através de símbolos que, na vida normal, denotavam mudanças no estado psicológico, como símbolos de renascimento. Assim, ele segue para dizer que o

processo tanatológico⁴ começa muito antes da morte real: “Nossa alma não é indiferente, pelo menos ao morrer do indivíduo” (vol. 8/2, §. 810).

Von Franz (1990) aponta que sempre que o homem se confronta com algo misterioso ou desconhecido, o inconsciente produz modelos arquetípicos. Isso se aplica aos mistérios da morte. A experiência simbólica da morte é comentada por Magalhães e Serbena (2011), que afirmam que esta, com suas diversas representações, pode aparecer como extinção, aniquilamento, negação e finalização na psique, bem como profunda e significativa transformação, revelação, renascimento e rito de passagem. Assim, eles constataam que a imagem simbólica da morte na psique não deve ser entendida apenas por meio de conotações negativas, uma vez que pode trazer a noção de transformação, ou seja, a destruição que gera o aparecimento de algo novo: uma possibilidade de renascimento.

Conforme Magalhães et al (2012), na velhice ocorre uma antecipação ou preparo para a morte através de fantasias, sonhos e imagens interiores, e a maneira como o indivíduo vai se relacionar com essas imagens pode ser determinante de um movimento saudável ou patológico, psiquicamente.

Um caso de terapia relatado por Santos (2006) ilustra como o cuidado no olhar para esses símbolos pode ser transformador. Segundo a autora, a partir de uma análise dos desígnios do próprio inconsciente de uma determinada paciente, através de seus sonhos, foram apontados “caminhos e reflexões antes não vislumbrados por ela (..) e permitiram um entardecer digno” (p. 21).

Assim, coloca-se como relevante a experiência simbólica da morte, considerando a possibilidade de um envelhecimento mais saudável, uma vez que o modo como o sujeito encara a própria morte tem relação direta com a forma que ele vive o presente. Segundo Freitas (1992), na medida em que o ego admite a morte, constela-se a vida nas profundezas. Portanto, procurar sentidos para a finitude pode se colocar como relevante e terapêutico, e os sonhos e suas leituras podem facilitar esse processo.

⁴ Tanatologia: estudo sobre a morte, suas causas e fenômenos a ela relacionados.

8 ANÁLISE DOS SONHOS

Neste capítulo, alguns sonhos relatados por idosos serão expostos para a realização de uma leitura e amplificação simbólica. A exposição dos sonhos, como foi mencionado anteriormente, foi retirada da obra: *Velhice nos Arredores da Morte*, de Lygia Py (2004).

Uma breve apresentação sobre as pessoas em questão será realizada antes da exposição dos relatos de sonhos, visando uma mínima compreensão de quem são esses sonhadores. Vale ressaltar que as pessoas são reais, mas os nomes, fictícios.

O livro em questão sintetiza uma pesquisa realizada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Esta foi realizada com idosos, vítimas de esclerose lateral amiotrófica (ELA), na relação com seus familiares. Os sonhos que serão expostos foram relatados tanto pelos pacientes como por seus familiares (cônjuges e irmãos, no caso).

Ressalto a importância de uma breve exposição acerca da doença. A ELA é uma doença neuro-degenerativa de causa desconhecida, que afeta especialmente os neurônios motores da medula espinhal, tronco cerebral e encefálico (Fga; Lima; Alvarenga, 2009). Assim, Bandeira et al (2010) apontam que compromete tanto o sistema nervoso central quanto o periférico. Os sintomas da doença são devastadores, como fraqueza muscular, problemas de coordenação, falta de ar, dificuldade para engolir, tremores, entre outros. A sobrevida é de 4 a 5 anos em 50% dos casos, mas em 15% é igual ou superior a 10 anos (Bandeira et al, 2010), apresentando um agravamento no quadro muito acelerado. Segundo os autores, a insuficiência respiratória progressiva é a principal causa de morte nos pacientes acometidos.

Vale ressaltar que apesar da doença gradativamente impossibilitar os movimentos do sujeito, colocando em perspectiva a falta de autonomia, a memória, inteligência e o juízo não são afetados. Assim, a vivência se torna extremamente sofrida, uma vez que a pessoa tem consciência de tudo o que está acontecendo: a mente continua a funcionar do mesmo jeito.

Apesar da especificidade da doença atravessar a vida dos sujeitos em questão (pacientes e familiares) de diversas formas, acredito que esta coloca em

maior perspectiva a aproximação da morte, reforçando o questionamento deste estudo acerca de verificar se há alguma relação entre os temas dos sonhos e a finitude da vida. Assim, pode-se perguntar: será que os sonhos estão exercendo alguma função no sentido de como o sonhador lida com a morte?

8.1 Apresentação dos idosos e seus respectivos sonhos

As apresentações a seguir foram elaboradas a partir das falas exibidas no livro pelos sonhadores, tanto em entrevistas realizadas com os pacientes, como em grupos com os familiares. Nota-se uma diferença no que diz respeito à quantidade de informações sobre os pacientes (idosos que apresentam a esclerose lateral amiotrófica) e seus parentes (irmãos ou cônjuges, também idosos). Em seguida, encontram-se os relatos dos sonhos e as respectivas análises. Vale ressaltar que essas análises tiveram como fundamento das amplificações simbólicas o “Dicionário de Símbolos”, de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (2005).

DELFINA, 62 anos:

Delfina foi criada pela mãe e a avó portuguesas. Nunca conheceu o pai. O Tio Alberto, irmão da mãe, era uma figura presente e querida de sua infância. A família era muito trabalhadora e nunca lhe faltara nada. Delfina estudou na escola paroquial da cidade, onde aprendeu a fazer bordado. Aos 14 anos, ela arranhou o seu primeiro emprego como vendedora de loja. Então, o tio Alberto morreu em um acidente de trem. Segundo Delfina, a mãe “surtou” com a morte do irmão. Passou a ser mais violenta com as filhas, chegando a agredi-las com pau de madeira, cabo de martelo, água fervendo e tesoura. Ela carrega marcas até hoje. Anos depois, a mãe de Delfina faleceu. Ela relata que a morte da mãe veio como alívio. Em seguida, Delfina conheceu o seu marido, se mudou para o Rio e passou a ter uma “vida de dondoca”. Teve três filhos com ele. Ela fala de seu marido com muito carinho. Ele foi atropelado por um ônibus em sua frente. Para Delfina, a sua vida acabou naquele momento. Ela começou a apresentar sintomas da doença algum tempo depois. Segundo ela, foi a perda do marido que a deixou assim.

“Sonhei que tinha uma mulher no milharal que apanhava espigas todas murchas, que não serviam para nada” (p. 34).

O fato de estar colhendo algo que é imprestável traz a ideia de solo infértil, onde nada pode crescer e florescer. A mulher a que Delfina se refere no sonho pode ser considerada uma representação de si mesma. Podemos inclusive supor que há uma mudança da própria identidade do ego em uma outra personagem, como aponta James Hall (2003). A mulher do sonho se encontra colhendo coisas inúteis, “que não serviam para nada”. Mas vamos retomar a imagem do sonho: não era qualquer colheita, e sim um milharal.

A conceituação que Chevalier e Gheerbrant (2005) dão ao ‘milho’ se coloca como relevante aqui. Segundo os autores, “nas culturas mexicanas e relacionadas, o milho é ao mesmo tempo a expressão do Sol, do Mundo e do Homem(...). Ele é o símbolo da prosperidade” (p. 610).

Inicialmente, podemos resgatar a comparação que Jung faz do ciclo de vida do ser humano e o percurso do sol. Ele coloca como o sol se eleva no horizonte, se encontra a pino no meio-dia, e então começa o seu movimento de declínio até se por. Podemos dizer que quando o sol está se pondo, ele se encontra mais fraco, impotente ou até “murcho”, como descreve a sonhadora. Na comparação de Jung, o pôr do sol é uma imagem da finitude do homem. Assim, podemos supor que a imagem das espigas de milho murchas se relaciona com a imagem do sol se pondo, murcho, trazendo a ideia de uma aproximação com a morte.

Ressalto também a noção de solo infértil que a imagem do sonho traz, que remete à ideia de que não há nada novo que pode ser colhido ali; não há nada que possa ser feito. Podemos relacionar isso com a noção da velhice como fase improdutiva da vida. No caso em questão, o preconceito de que na terceira idade nada pode ser realizado se torna cada vez mais uma realidade, uma vez que a paciente se encontra cada vez mais debilitada por conta da doença, perdendo a sua autonomia e o poder de alcançar novos objetivos.

Além da imagem de Sol, Chevalier e Gheerbrant (2005) também colocam o milho como imagem de Mundo, Homem e prosperidade. Vale ressaltar que não é só o sol que parece estar murchando e se pondo na vida de Delfina. É o todo. O mundo

que não lhe dá mais frutos e flores, o homem que ela perdeu em um trágico acidente e a prosperidade, que parece estar cada vez mais distante.

MÁRIO, 64 anos:

Mário ficou órfão de pai e mãe muito cedo. Ele e o irmão, Jorge, foram criados pela tia. Ele diz que foi bem tratado na infância, apesar de nunca ter recebido carinho. A tia morreu em seus braços quando ele tinha apenas 9 anos. Desde então, não frequentou mais a escola. Com a morte da tia, ele e o irmão foram separados em diferentes casas de família. A separação foi extremamente traumática para Mário: “Parecia que eu tinha sido esvaziado” (p. 149). Ele começou a trabalhar aos 13 anos e era muito humilhado no emprego. Então, serviu o Exército, onde aprendeu a dirigir caminhão, e foi ser caminhoneiro. Reencontrou o irmão Jorge e se casou com Catarina, que cuida dele até hoje. Teve dois filhos com a esposa. Para ficar próximo da família, arranjou um emprego como motorista de ônibus. O irmão Jorge lhe deu muito trabalho: pedia dinheiro emprestado, se envolveu com o crime, foi preso e assassinado. A perda do irmão lhe causou extremo sofrimento. Depois de aposentado, Mário foi atropelado por um caminhão. Desde então, sua saúde piorou. No início, achou que eram sequelas do atropelamento, mas então foi diagnosticado com ELA. Se considera “imprestável” com a doença.

“Sonhei que estava preso, na cadeia. Se eu subisse pela grade, eu podia escapar pela claraboia, mas não tinha espaço. Só cabia eu e as grades. Não dava espaço nem para esticar o braço todo” (p. 32).

Neste sonho, Mário se encontra preso. Apesar de ter consciência e enxergar uma possível saída da prisão, a falta de espaço não lhe permite esse movimento. Chama a atenção a imagem da claraboia, que apresenta uma possibilidade; um outro lado de algo. Através desta, possivelmente, se conseguiria alcançar ou ultrapassar algo. Mas não é esse o sentimento impresso no sonho. Apesar de Mário perceber o seu próprio braço, este não chega a lugar nenhum, apresentando uma impotência.

Num primeiro momento, podemos relacionar essa falta de liberdade (a cadeia) que se apresenta no sonho com a sua vivência como portador da doença ELA. Esta lhe coloca como prisioneiro de seu próprio corpo, apesar de não prejudicar a

percepção e consciência do sujeito – consciência esta que é percebida no sonho também. Jung (vol. 8/2) aponta que os sonhos trazem informações de grande interesse para a questão da cooperação funcional entre corpo e alma, podendo exprimir assim aspectos de uma enfermidade física.

Segundo Chevalier e Gheerbrant (2005), o espaço é o lugar dos possíveis e das realizações. No sonho, evidentemente há uma falta disso. Tendo em vista a vivência de Mário como idoso debilitado e doente, realmente há uma falta de realizações e possibilidades em sua vida. Nesse caso, o sonho aparenta estar de acordo com a atitude da consciência, exprimindo assim uma analogia de sua vivência na vida consciente com a imagem de estar preso no sonho.

NEI, 65 anos:

Nei é o filho mais velho e tem quatro irmãs. O pai era pescador e a mãe cuidava da roça e de casa, além de ser rendeira. Fala com muito carinho de ambos. Quando tinha 11 anos, o pai morreu no mar. A mãe teve câncer em seguida, e recusou o tratamento, morrendo tempos depois ali na casa com os filhos. Lembra do enterro bonito que ela teve. Então, ele e as irmãs foram morar com os tios. A tia era carinhosa e tratava muito bem os sobrinhos; mas o dinheiro era muito pouco. Quando fez 13 anos, Nei começou a trabalhar como caixeiro de um armazém. Lá ele “foi escravo”. Então, foi trabalhar como pintor de parede. Gostava de fumar e beber para aliviar os estresses do trabalho como pintor. Nei se casou duas vezes. Teve uma filha com a primeira mulher, mas relata que o casamento foi um fracasso. A primeira filha foi criada pela segunda mulher, Elza. Fala desta com muito carinho e teve 3 filhos com ela. Perdeu a mulher, motivo de grande sofrimento. Nei diz que se sente triste por dar tanto trabalho para a filha.

“Eu estava perdido na mata e procurava encontrar uma saída. De repente, vi que não tinha saída. Eu estava sozinho, num lugar que só dava eu, um lugar alto e tudo em volta era abismo. Eu não podia me movimentar muito, se não eu caía” (p. 33).

O sonho de Nei também nos remete a um impasse, uma falta de liberdade. Chama atenção a imagem de não poder se movimentar, também encontrada no relato

de Mário. Novamente, podemos pensar em sua vivência concreta com a doença, uma vez que esta realmente lhe subtrai os movimentos.

A imagem de mata sem saída chama a atenção. É interessante que a falta de possibilidades aqui é apresentada em um ambiente cheio de vida, colorido, aberto. Apesar do sentimento de estar preso no sonho, é importante ressaltar que o lugar em que o sonhador se encontra apresenta muitos outros recursos que uma simples cadeia -- é um ambiente aberto e amplo. Mas ainda assim há uma falta de liberdade imposta sobre o sonhador. No caso em questão, o risco da moção é o abismo. Que abismo é esse?

Chevalier e Gheerbrant (2005) apontam que, no plano psicológico, o abismo pode corresponder à indiferenciação da morte e à decomposição da pessoa. Essas associações fazem sentido no caso de Nei. A vivência da doença se apresenta como uma forma de decomposição do corpo humano, uma vez que de fato o sujeito vai perdendo as suas funções. Além disso, os neurônios são realmente degenerados progressivamente, fazendo com que o sujeito perca a força muscular, afetando os movimentos, a fala e a deglutição.

O sentimento de estar preso e não poder se movimentar no sonho apenas pode ser superado a partir de uma experiência: cair no abismo. Ou seja, se relacionarmos à falta de movimento com a doença ELA, podemos dizer que Nei só sairá desta doença que o prende dentro do próprio corpo com sua “decomposição”: a sua morte.

Vale ressaltar ainda outro aspecto sobre o abismo que Chevalier e Gheerbrant (2005) apontam. Segundo os autores, “o abismo evocará o imenso e poderoso inconsciente; aparecerá como um convite à exploração das profundezas da alma” (p. 5). Esse pode ser um movimento do mecanismo de auto regulação da psique, indicando que mais atenção precisa ser dada às manifestações do inconsciente, e que há uma necessidade de imersão nesse campo. Podemos inclusive supor que há uma integração dos conteúdos do inconsciente na consciência que precisa ser realizada. Possivelmente, apenas a partir dessa integração o abismo pode se tornar uma realidade.

SANTIAGO, 62 anos:

Santiago foi criado na roça. Trabalhava em uma fazenda com o pai, a mãe e os irmãos. Sofreu barbáries na infância. Era chicoteado com frequência. Teve pouco estudo. O trabalho era duro para toda a família. Esta era religiosa, frequentadora da igreja, chegando a morar com freiras por um período. Nessa época, Santiago viu seu pai ser assassinado com um tiro no peito. Foi um trauma para a família toda. Com 14 anos, ele contraiu uma doença no intestino e foi para o Rio de Janeiro se tratar. A família o acompanhou. Depois de curado, Santiago foi trabalhar como operário de curtume. Se casou com Salete; não tiveram filhos. Um tempo depois, perdeu a mãe. Perdeu dois irmãos também. Pelo que relatou, parece que tanto a mãe quanto um dos irmãos tiveram ELA. 20 anos após as mortes, ele começou a apresentar os sintomas. Não tem o apoio da mulher, pois diz que esta não compreende a doença. Segundo Santiago, ele está “de mal a pior” (p. 184).

“Eu estava vendo uma fila de gente. Tinha criança, tinha velho, tinha rapaz e moça, tinha até mulher grávida. Iam todos andando na fila e tinham uns buracos que eles iam caindo, conforme andavam. Iam andando assim na fila e, de vez em quando, um sumia. Caía no buraco e os outros iam seguindo. Eu queria avisar a eles para não irem por ali, mas não adiantava, eles iam seguindo e eu não podia fazer eles me escutarem” (p. 33).

O sonho de Santiago traz a ideia de que algo inevitável vai acontecer. Todos ali vão cair em um buraco. Chama a atenção o fato da fila de gente ter criança, mulher, homem, velho e até mulher grávida. Ou seja, tem gente de todo tipo e cheios de vida. A ideia de fila nos remete a uma organização, um percurso a ser seguido. Mas há algo que é maior que o sonhador: não adianta ele tentar avisar as pessoas do buraco que se apresentava a seguir: a queda das pessoas era inevitável.

Mas que buraco é esse? Chevalier e Gheerbrant (2005) apontam que o buraco pode simbolizar uma “abertura para o desconhecido: aquilo que desemboca no outro lado (o além, em relação ao concreto) ou que desemboca no oculto” (p. 148). Se considerarmos a morte como um fenômeno desconhecido do ser humano, podemos supor que o sonho apresenta o buraco como uma analogia à finitude da vida. O fato de Santiago tentar alertar as pessoas que se apresentam no sonho acerca do inevitável buraco pode apontar para uma dificuldade que ele tem de aceitar o fim da vida. Interessante é que não é o sonhador que cai no buraco, demonstrando assim que este é o destino de todos nós – apesar de ser importante ressaltar que todas aquelas pessoas da fila são representações de Santiago, em alguma instância.

Chevalier e Gheerbrant (2005) também apontam que, no plano psicológico, o buraco pode estar relacionado com a espiritualização. Tendo em vista que Santiago expõe em entrevista o fato de frequentar a igreja em sua infância por ter uma família religiosa, o sonho também pode estar apontando para uma necessidade de resgatar essa religiosidade, que pode ser relacionada com a espiritualização. Podemos supor que isso seria um efeito do mecanismo compensatório do inconsciente, tendo em vista que Santiago não relata nenhum tipo de relação com qualquer tipo de espiritualidade ou religião atualmente.

BALBINA, 73 anos:

Balbina é esposa dedicada de Álvaro, um português, que tem a doença ELA. Além de lavadeira, prepara salgados em casa para vender. Ela foi criada por uma tia querida que vibrava muito pelo seu sucesso. Ela e o marido sempre se entenderam muito bem, levando uma vida de companheirismo. Ela teve 4 filhos e cuidou deles com muita dedicação e carinho, mas perdeu uma ainda bebê. O marido a descreve como “uma mulher fora de série” (p. 107). Ela cuida de Álvaro mas apresenta auto recriminação e culpa por sentir nojo dele às vezes, por conta da baba excessiva e mau cheiro da boca. Perde a paciência com ele com frequência. É muito religiosa.

“Dei para sonhar com as múmias” (p. 34).

Apesar de não haver um relato mais detalhado sobre esses sonhos, podemos amplificar a imagem de múmia que Balbina descreve. Esta é uma representação muito literal e explícita da morte, uma vez que se trata de um cadáver com pele e órgãos preservados.

As múmias podem remeter a uma noção de vida após a morte. Isso porque diz respeito a algo que ficou após a marca do fim da vida, que perdura com o tempo.

Von Franz (1990) aponta como existem sonhos que indicam simbolicamente o fim da vida corporal e a continuação explícita da vida psíquica após a morte. Segundo a autora, o inconsciente “acredita” nessa possibilidade. Assim, sonhos que indicam essa transcendência podem vir inclusive como uma reconfortante mensagem do inconsciente – de que há vida após a morte. Podemos supor que os sonhos de Balbina com as múmias tenham essa função, uma vez que apontam um paradoxo: a

morte retratada de modo explícito mas, ao mesmo tempo, indicando algo que persiste após o fim da vida.

ALZIRA, 63 anos:

Alzira é a irmã mais velha de Delfina. Mora com o marido e a irmã doente. Ela estudou na escola paroquial da cidade, onde aprendeu a fazer costura. Trabalha de casa e é costureira. Alzira demonstra muita ansiedade e expõe um medo da doença (ELA) ser contagiosa. Sentia muita inveja da irmã na juventude e enxerga a doença desta como uma vingança, mesmo sentindo pena de Delfina. Enxerga a morte como algo natural do seu humano. Ressalta a importância de cuidar de si mesma e gosta de ser ajudada.

“Estou sonhando sempre com fecho-ecler. Minha casa tem janelas e portas que a gente fecha com fecho-ecler e eu fico presa lá dentro, toda fechada, sem poder sair de lá” (p. 34).

A associação que Alzira traz acerca do sonho é extremamente relevante para a amplificação. Nota-se que a sonhadora também traz uma imagem de estar presa em algum lugar. Mas, no caso, não é qualquer lugar: trata-se de sua casa.

Primeiramente, é interessante apontar que para abrir um fecho-ecler, ou zíper, não precisamos de muitos recursos ou força. É algo relativamente fácil de ser realizado, apesar de não ser o que a sonhadora explicita. Isso pode nos fazer refletir sobre a capacidade que Alzira tem encontrado de se apropriar de seus recursos internos. A partir de sua fala, podemos supor que há uma dificuldade de manipular o fecho, acarretando em uma falta de liberdade: estar presa em sua própria casa.

É preciso refletir sobre que casa é essa que Alzira explicita. Segundo Chevalier e Gheerbrant (2005), a casa significa o ser interior de cada um. Que tipo de vivência seria estar preso dentro do seu próprio ser interior? Podemos assim supor que Alzira tem estabelecido contato com o seu mundo interno, contato este tão almejado para um envelhecimento saudável, como foi mencionado no capítulo anterior. Entretanto, o fato de estar presa neste mundo pode se tornar tão perigoso quanto a falta de contato com ele. Assim, o sonho pode estar indicando uma

incapacidade que Alzira tem de estabelecer uma relação entre o mundo externo e o interno.

Além disso, podemos pensar também na casa como uma representação de uma dinâmica ou configuração familiar da sonhadora. Se pensarmos na vivência de Alzira, costureira que trabalha de casa, e agora, acrescentado a isso, cuidadora de sua irmã, também podemos pensar em sua casa como algo que lhe limita, lhe prende, lhe condena.

Por fim, vale ressaltar que é nítido o fato de que a imagem do fecho-ecler indica que há algum tipo de fechamento. Podemos supor ainda que há alguma relação entre isso e o fechamento do ciclo vital: a morte.

FRANCISCO, 66 anos:

Teve uma infância muito sofrida. Trabalhava na lavoura com o pai e os irmãos. Apanhava muito dos pais e não tinha muito tempo livre. Além dos proventos de policial aposentado, complementa sua renda com o trabalho informal de despachante. Sente raiva às vezes da situação em que está inserido em decorrência da doença do irmão Santiago. Sente muita pena deste. Teme em ser a próxima vítima da doença, uma vez que sua mãe e outro irmão já morreram por isso. Se revela como um homem muito altruísta e solidário a partir de sua fala, sempre se empenhando para ajudar e acolher os outros.

“Eu estava montando um castelo com caixinhas de fósforo vazias pra elas chegarem até o céu, mas elas não abriam e eu não podia botar pesos dentro delas, por isso caía tudo. Uma porção de caixas, sem sustentação por dentro e elas iam crescendo, crescendo, iam ficando tamanho gigante e eu tinha que entrar nelas” (p. 35).

O sonho traz diferentes imagens. Vamos nos atentar ao castelo, num primeiro momento. Segundo Chevalier e Gheerbrant (2005), o castelo dá uma impressão de segurança e é um símbolo de proteção. Além disso, como ele normalmente está isolado do restante do mundo, adquirindo um aspecto longínquo e inacessível, este aparece entre os símbolos da transcendência. Assim, os autores apontam que o que é protegido pelo castelo é a transcendência do espiritual. Além disso, vale ressaltar outro aspecto do castelo que eles assinalam: os templos funerários que os faraós

mandaram construir são chamados de *castelos milhares de vezes milenares*. Assim, a imagem traz novamente a noção da finitude, colocando o castelo como possível lugar para um culto após a morte.

Outra imagem que o sonho traz é a do céu e Chevalier e Gheerbrant (2005) trazem relevantes associações. O céu é uma manifestação direta da transcendência. Nessa perspectiva, é importante falar que é aquilo que nenhum vivente da terra é capaz de alcançar. Os autores ainda colocam o céu como morada das divindades; designando, por vezes, o próprio poder divino. Essa noção é inclusive observada na tradição bíblica.

Tendo em vista essas diferentes ideais levantadas a partir do Dicionário de Símbolos (2005), algumas hipóteses podem ser elaboradas acerca do sonho em questão.

Primeiramente, é notável a ideia de transcendência que se revela tanto no simbolismo do castelo como do céu. Assim, podemos supor que este sonho pode trazer a ideia de uma possível experiência transcendental, que ultrapassa os limites conhecidos do universo. É interessante como o céu se coloca como um objetivo a ser alcançado. Podemos pensar inclusive na crença de diferentes religiões, que colocam o céu como o lugar para onde as pessoas vão após a morte. Assim, podemos supor que é esse tipo de experiência transcendental que o sonho está exprimindo. Ou seja, chegar ao céu seria a própria morte do sonhador.

No sonho, chama a atenção que Francisco tem que realizar um tipo de construção para alcançar o céu – e ele falha em sua tarefa. Pode-se questionar: que construção é esta? É possível relacionar essa imagem com a noção de Jung do processo de individuação, uma vez que este é algo que vai sendo construído ao longo da vida. O fato dos recursos disponíveis no sonho serem caixinhas de fósforo vazias, faz com que uma construção frágil e instável se estabeleça. A dificuldade que Francisco encontra no sonho para abrir as caixinhas e colocar pesos dentro pode apontar uma incapacidade de acessar seus recursos internos para alcançar algum objetivo.

Ainda é interessante apontar como as caixas mudam de tamanho e ganham outras proporções no sonho, inclusive fazendo com que Francisco tenha que entrar nelas. Podemos supor que esse descontrole da situação seja algo que o sonhador

viva em alguma instância em sua vida, possivelmente inclusive com a doença de seu irmão.

É interessante o plano espiritual aparecer em outra imagem onírica, e justamente na do irmão do paciente Santiago. Como foi mencionado anteriormente, ambos vieram de uma família religiosa. Novamente, acredito que o sonho possa estar apontando para uma possível necessidade do sonhador: resgatar a sua espiritualidade através de uma religião. Aqui, podemos perceber o mérito das religiões de evocar um rico mundo simbólico de representações relativas à morte e à vida após a morte (Von Franz, 1990). Assim, os símbolos que aparecem aqui estão em harmonia com os ensinamentos das várias religiões sobre a vida após a morte.

9 DISCUSSÃO

A partir da leitura simbólica dos sonhos algumas conclusões podem ser elaboradas. Primeiramente, é possível dizer que todos eles apresentaram algum tipo de relação com a morte tendo em vista os diferentes símbolos que foram analisados.

Magalhães e Serbena (2011), ao comentarem a experiência simbólica da morte, apontam as diversas representações que esta pode apresentar, como extinção, aniquilamento, negação e finalização na psique, assim como profunda e significativa transformação, revelação, renascimento e rito de passagem. Na maioria dos casos em questão, a morte foi retratada como extinção e finalização. É importante destacar também que alguns símbolos apresentados foram mais explícitos e literais do que o esperado, como o abismo, o buraco e as múmias. Embora cada sonho e indivíduo tenha a sua singularidade, é notável como alguns temas se repetem.

É importante retomar aqui a ideia de que o comportamento dos sonhos tende a se constituir segundo um funcionamento de compensação, no qual o sonho compensa as visões limitadas do ego vígil. Com a análise dos sonhos, pudemos constatar a aparição de diversos símbolos ligados à morte. Uma hipótese que pode ser levantada é que estes sonhos estão tão presentes no inconsciente para compensar a negação e falta de atenção da vida consciente dos idosos para com a finitude da vida. Assim, podemos desconfiar de que há uma incapacidade de progredir rumo à individuação, uma vez que entrar em contato com a finitude é imprescindível para um processo saudável de envelhecimento e desenvolvimento de si mesmo (Magalhães e Serbena, 2011).

Jung distinguiu os produtos oníricos como sonhos banais e significativos. Vale apontar que os sonhos em questão parecem ser desse segundo tipo. Estes seriam os sonhos arquetípicos que provém do inconsciente coletivo. Jung (vol. 8/2) aponta que eles ocorrem em momentos cruciais da vida do sujeito, o que cabe no contexto em questão. Von Franz (1988) ainda ressalta que os sonhos significativos são menos explícitos e se apropriam de figuras coletivas, uma vez que não tem como finalidade revelar um desequilíbrio pessoal, e sim um conflito eterno que se repete na humanidade. Assim, podemos pensar na morte como um desses conflitos.

Além desses tipos de sonhos, Jung indicou a existência dos sonhos “médios”, provavelmente predominantes no mundo onírico. Estes teriam uma certa estrutura passível de ser identificada, a que ele chamou de “estrutura dramática”. Tendo em vista que os relatos dos sonhos em questão mantiveram um padrão, sendo todos eles muito breves, vale ressaltar que não foi possível identificar essa estrutura em nenhum dos sonhos.

Hall (2003) aponta como uma mudança radical experimentada no sonho é o deslocamento da própria identidade do ego em diferentes personagens, ou como se os acontecimentos fossem observados por uma posição flutuante – como personagem nenhum. Esse movimento foi identificado em alguns sonhos, como no caso de Delfina e Santiago.

Por fim, destaco que o capítulo anterior coloca a velhice como um momento de vida que ainda pode ser permeado por possibilidades e realizações, o que de fato é verdade e deve sim ser ressaltado. Santos (2006) enfatiza a ideia de que um envelhecimento saudável acontecerá se as etapas anteriores foram cumpridas da forma mais completa, segura e criativa possível. Entretanto, é importante apontar que a experiência de vida dos idosos em questão, sem exceção, foi muito sofrida, cada uma em sua dimensão, fazendo das etapas anteriores à velhice atravessadas por miséria, perdas e sofrimento. Assim, podemos notar que não é observado um envelhecer precisamente saudável, tanto nos pacientes com a doença como em seus familiares.

Os idosos em questão não parecem estar otimizando os seus recursos e selecionando metas significativas, caracterizando o envelhecimento saudável descrito por Elder (1991), mas é importante ressaltar que, dadas as condições de vida dos mesmos, não são muitas as possibilidades disponíveis para que eles o façam. Magalhães et al (2012) afirmam como a velhice ideal consistiria em um tempo de reflexão, assimilação do passado, busca de significado e um avanço rumo à totalidade. Portanto, podemos dizer que os idosos em questão não desfrutam de uma velhice ideal e nem de um processo de envelhecimento bem-sucedido, pelos motivos já explicitados.

Magalhães e Serbena (2011) apontam como é imprescindível entrar em contato com a finitude para um processo saudável de envelhecimento. Além disso, na terceira

idade ocorre uma antecipação ou preparo para a morte através de fantasias, sonhos e imagens interiores, e a maneira como o indivíduo se relaciona com essas imagens pode ser determinante de um movimento saudável ou patológico, psiquicamente (Magalhães et al, 2012). Assim, podemos supor que o fato de não observarmos um envelhecer precisamente saudável nos idosos em questão pode ser um reflexo da falta de contato com a finitude da vida, principalmente através da experiência simbólica.

Vale ressaltar ainda que as diferenças na vivência do tempo influenciam o desenrolar do processo de envelhecimento. Sendo assim, podemos dizer que os idosos em questão parecem estar vivendo o tempo na dimensão de *Cronos*, sendo marcados pelo tempo consensual, castrador e devorador (Monteiro, 2011). Com as informações obtidas através dos relatos, não podemos observar em nenhum dos casos uma vivência da dimensão *Kairós*, ou seja, da experiência da graça maior que plenifica a vida e lhe dá sentido (Ferrigno et al, 2006).

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideia do trabalho em questão era compreender as funções dos sonhos na vivência de idosos frente à morte. Para tanto, foi realizada uma leitura simbólica de sonhos de idosos para identificar a presença ou não de símbolos ligados à morte. A partir da análise e discussão, foi possível perceber que o problema inicialmente proposto foi solucionado.

É importante destacar que a literatura correspondeu às expectativas, se tornando de suma importância para a realização dos capítulos teóricos, que fundamentaram a análise dos sonhos. Assim, foi possível desenvolver uma compreensão sobre a dinâmica do mundo onírico – à luz da psicologia analítica, o processo de envelhecimento e o atravessamento da morte nessa faixa etária.

A partir do contato com os símbolos ligados à morte e uma compreensão acerca deles, um processo de envelhecimento mais saudável e íntegro pode ser esperado, bem como uma possível preparação para a morte. Assim, as informações obtidas podem contribuir para auxiliar intervenções psicológicas no âmbito da psicoterapia, da pesquisa e da promoção de saúde, principalmente com idosos, mas não exclusivamente. Podemos ainda destacar que ações propostas para a rede social e familiar proximal de pessoas nesse momento do ciclo vital também podem contribuir para um processo de envelhecimento bem-sucedido.

É importante ressaltar ainda que os objetivos gerais e específicos foram alcançados, ampliando assim a compreensão sobre o tema. Apesar disso, um problema foi encontrado: o formato padrão dos relatos de sonhos apresentaram algumas limitações quanto à análise.

Assim, pode-se sugerir um aprofundamento no estudo dos sonhos de idosos, possivelmente com entrevistas que levantem materiais mais completos e densos para análise. Além disso, destaco também a sugestão para novos estudos com a temática do envelhecimento e da morte, uma vez que são assuntos que dizem respeito a todos nós e que tem necessidade de atenção. A pesquisa trouxe uma nova perspectiva para o estudo com os idosos, destacando a importância no cuidado com eles até o fim da vida.

O que foi exposto foi um olhar mais a fundo para o inconsciente dos idosos, mas acredito que outros caminhos possam ser seguidos para investigar os temas em questão. É inevitável dizer que a grande incerteza sobre a morte é um fato que permanece inalterado, mas é evidente que estudos que envolvam o grande mistério da humanidade podem trazer inovadoras discussões e reflexões acerca do tema.

REFERÊNCIAS

ARCURI, Irene Pereira Gaeta. Velhice e espiritualidade – metanoia, “a segunda metade da vida”, segundo Carl Gustav Jung. **Kairós: Gerontologia**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 87-104, 2012.

BANDEIRA, Fabrício Marinho et al. Avaliação da qualidade de vida de pacientes portadores de Esclerose Lateral Amiotrófica (ELA) em Brasília. **Revista Neurociências**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 133-38, 2010.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2005. Vol. 12.

ELDER, G. H., Jr. **The life course**. In Edgar F. Borgatta & Marie L. Borgatta (eds). *The Encyclopedia of Sociology*. New York: Macmillian, 1991.

ERIKSON, Erik Homburger. **O ciclo de vida completo**. São Paulo: Artes Médicas, 1998.

ERIKSON, Erik Homburger. **Identidade, Juventude. Crise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1976.

FERRIGNO, José Carlos et al. **Velhices**: reflexões contemporâneas. São Paulo: SESC, 2006.

FGA, Simone Palermo; LIMA, José Mauro Braz de; ALVARENGA, Regina Papais. Epidemiologia da Esclerose Lateral Amiotrófica-Europa/América do Norte/América do Sul/Ásia. Discrepâncias e similaridades. Revisão sistemática da literatura. **Revista Brasileira de Neurologia**, Rio de Janeiro, v. 45, n. 2, p. 5-10, 2009.

FREITAS, Laura Villares de. O ser humano: entre a vida e a morte visão da psicologia analítica. In: KOVÁCS, Maria Júlia. **Morte e Desenvolvimento Humano**. São Paulo: Casa do psicólogo, 1992. p. 113.

HALL, James Albert. **Jung e a interpretação dos sonhos**: manual de teoria e prática. São Paulo: Cultrix, 2003.

JACOBI, Jolande. **A psicologia de CG Jung**: uma introdução às obras completas. Petrópolis: Vozes, 2013.

JUNG, Carl Gustav et al. **O homem e seus símbolos**. São Paulo: Harper Collins Brasil, 1964.

JUNG, Carl Gustav. **Fundamentos de psicologia analítica**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

JUNG, Carl Gustav. **Tipos psicológicos**. Petrópolis: Vozes, 2011. Volume 6 das Obras Completas.

JUNG, Carl Gustav. **O eu e o inconsciente**. Petrópolis: Vozes, 2011. Volume 7/2 das Obras Completas.

JUNG, Carl Gustav. **A natureza da psique**. Petrópolis: Vozes, 2011. Volume 8/2 das Obras Completas.

JUNG, Carl Gustav. **A prática da psicoterapia**. Petrópolis: Vozes, 2011. Volume 16 das Obras Completas.

JUNG, Carl Gustav et al. **O homem e seus símbolos**. São Paulo: Harper Collins Brasil, 2015.

MAGALHÃES, Sabrina de Sousa; SERBENA, Carlos Augusto. Morte, sonhos e individuação. **Junguiana**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 5-13, 2011.

MAGALHÃES, Gilzete Passos et al. Redes da vida: uma leitura junguiana sobre o envelhecimento e a morte. **Kairós: Gerontologia**, São Paulo, v. 15, p. 133-160, 2012.

MILHORIM, Thaís Kristine; CASARINI, Karin A.; SCORSOLINI-COMIN, Fabio. Os sonhos nas diferentes abordagens psicológicas: apontamentos para a prática psicoterápica. **SPAGESP**, Ribeirão Preto, v. 14, n. 1, 2013.

MONTEIRO, Pedro Paulo. **O tempo não tem idade**: nem passado, nem presente, nem futuro. São Paulo: Gutenberg, 2011.

PENNA, Eloisa M. D. **A imagem arquetípica do curador ferido no encontro analítico**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2004.

PENNA, Eloisa M. D. O paradigma junguiano no contexto da metodologia qualitativa de pesquisa. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 71-94, 2005.

PENNA, Eloisa M. D. **Epistemologia e método na obra de CG Jung**. São Paulo: EDUC, 2013.

PY, Ligia. **Velhice nos arredores da morte**: a interdependência na relação entre idosos e seus familiares. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

SANTOS, Nádia Maria Weber. Etapas psicológicas da vida humana e envelhecimento saudável, segundo a Weltanschauung da Psicologia Analítica. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**, Passo Fundo, RS, v. 3, n. 2, 2006.

STEIN, Murray. **Jung**: o mapa da alma. São Paulo: Cultrix, 2006.

VON FRANZ, Marie Louise; BOA, Fraser. **O caminho dos sonhos**. São Paulo: Cultrix, 1992.

VON FRANZ, Marie Louise. **Os sonhos e a morte**. São Paulo: Cultrix, 1999.

TORNSTAM, Lars. **Gerotranscendence**: a developmental theory of positive aging. U.S.A.: Springer Publishing Company, 2005.